

O TERROR

VOL 1 DE 2

DAN SIMMONS

Tradução de Ester Cortegano

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

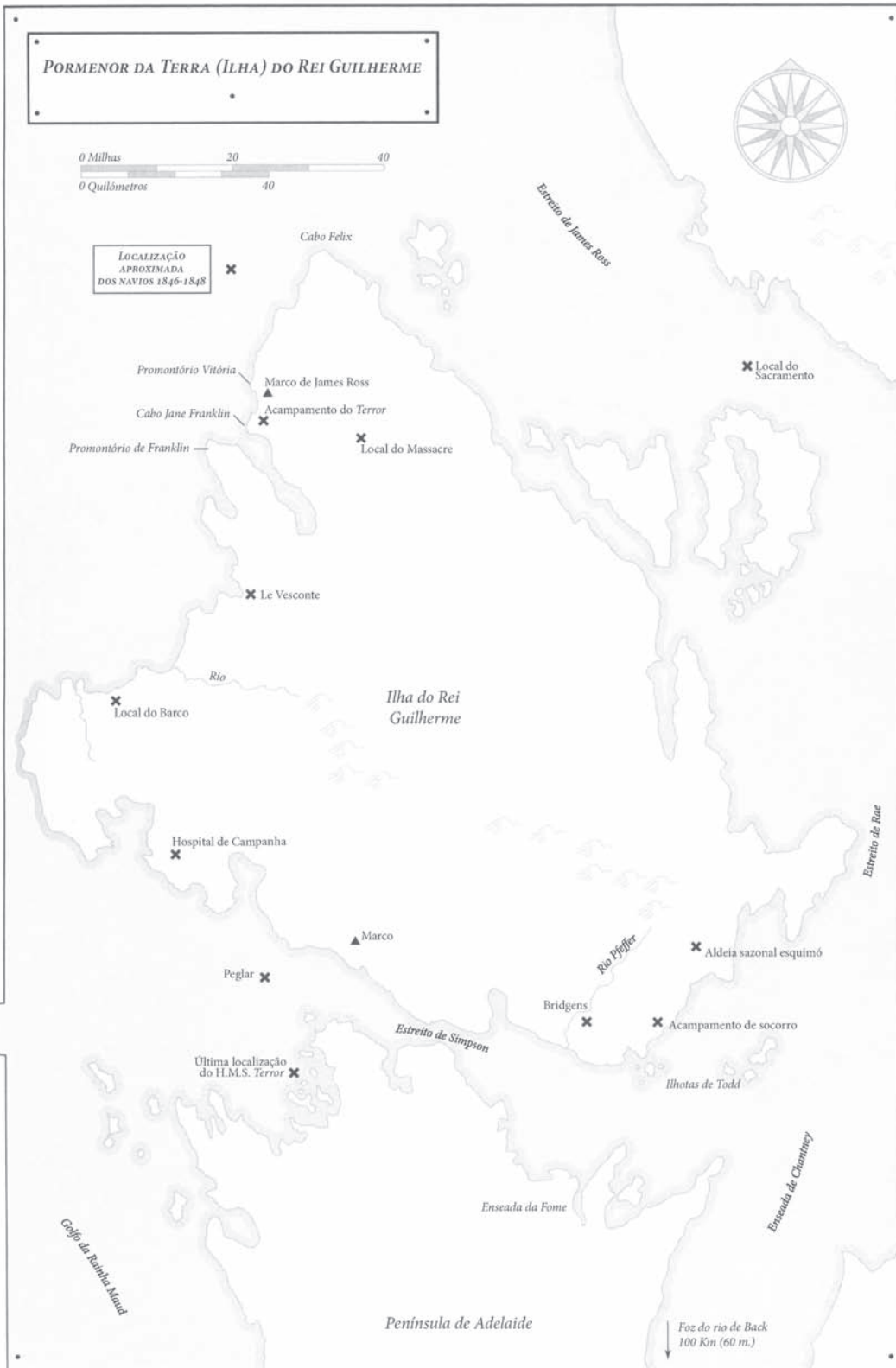


Este livro é dedicado, com amor e muitos agradecimentos pelas indeléveis memórias árticas, a Kenneth Tobey, Margaret Sheridan, Robert Cornthwaite, Douglas Spencer, Dewey Martin, William Self, George Fenneman, Dmitri Tiomkin, Charles Lederer, Christian Nyby, Howard Hawkes e James Arness.

PORMENOR DA TERRA (ILHA) DO REI GUILHERME



LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DOS NAVIOS 1846-1848





Esta qualidade fugidia, que causa a ideia de brancura, quando divorciada de associações mais benignas e relacionada com algum objeto terrível em si, eleva esse terror aos mais extremos limites. Vede o urso branco dos polos, e o tubarão branco dos trópicos; que outra coisa senão a sua macia ou escamosa brancura os torna os transcendentos horrores que são? Aquela sinistra brancura é o que transmite uma repugnante suavidade, mais nojenta que terrível, à muda voracidade do seu aspeto. De tal forma que nem o feroz tigre, com o seu pelo heráldico, consegue fazer vacilar a coragem como o sudário branco de urso ou tubarão.

— HERMAN MELVILLE
Moby Dick (1851)



1
CROZIER

*Lat. 70°-05'N., Long. 98°-23'W.
Outubro de 1847*

Comandante Crozier sobe ao convés para encontrar o seu navio sob um ataque de espíritos celestiais. Por cima dele — por cima do *Terror* — trémulas pregas de luz investem, depois recuam rapidamente, como os coloridos braços de espetros agressivos mas indecisos. Esqueléticos dedos etoplásmicos estendem-se para o navio, abertos, preparados para o agarrar, e depois recuam.

A temperatura é de -45 graus Celsius e continua a descer rapidamente. Por causa do nevoeiro que apareceu mais cedo, durante a única hora de fraca penumbra que passa agora por dia, os mastros acachapados¹ — os três mastaréis de gávea, mastaréis do joanete e todo o aparelho superior tinham sido removidos e guardados para se evitar o perigo da queda de gelo e reduzir as hipóteses de o navio virar por causa do peso do gelo em cima deles — erguem-se agora como árvores grosseiramente podadas e sem copa a refletir a aurora que dança de um horizonte sombrio para outro. Enquanto Crozier observa, os recortados campos de gelo em volta do navio tornam-se azuis, depois de um violeta sanguinolento, depois de um verde tão brilhante como as colinas da sua infância no norte da Irlanda. Quase a quilómetro e meio da proa a estibordo, a gigantesca montanha de gelo flutuante que esconde o navio irmão do *Terror*, o *Erebus*, parece, por um breve e falso momento, irradiar cores do seu interior, brilhando com os seus próprios frios fogos internos.

¹ Recolhidos. (N. da T.)

Puxando o colarinho para cima e inclinando a cabeça para trás, pelo hábito de quarenta anos de verificar o estado de mastros e cordoame, Crozier repara que as estrelas por cima de si têm um brilho frio e fixo, mas as que estão mais perto do horizonte não apenas cintilam como se alteram quando observadas, movendo-se em curtos movimentos para a esquerda, depois para a direita, depois agitando-se para cima e para baixo. Crozier já viu isto anteriormente — tanto no sul com Ross como naquelas mesmas águas em expedições anteriores. Um cientista naquela expedição ao polo sul, um homem que passara o primeiro inverno ali a cortar e polir lentes para o seu próprio telescópio, dissera a Crozier que a perturbação das estrelas se devia provavelmente à rápida variação do índice de refração do ar frio, que é pesado mas instável sobre os mares cobertos de gelo e invisíveis massas de terra congelada. Por outras palavras, sobre continentes nunca antes vistos pelos olhos dos homens. Ou, pelo menos, pensa Crozier, neste ártico, pelos olhos dos homens brancos.

Crozier e o seu amigo e então comandante James Ross tinham encontrado um desses continentes previamente desconhecidos — a Antártida — menos de cinco anos antes. Tinham dado o nome de Ross ao mar, a enseadas e à massa de terra. As montanhas tinham recebido o nome dos seus patrocinadores e amigos. Os dois vulcões que viam no horizonte tinham ficado com o nome dos seus dois navios — aqueles mesmos dois navios — e as montanhas eram agora *Erebus* e *Terror*. Crozier ficou surpreendido por nenhum elemento geográfico ter recebido o nome do gato do navio.

Nada ficara com o nome dele. Não existe, neste escuro dia de outubro de 1847, nenhum continente ártico ou antártico, ilha, baía, braço de mar, cordilheira de montanhas, plataforma de gelo, vulcão ou a puta de uma massa de gelo flutuante que ostente o nome de Francis Rawdon Moira Crozier.

Crozier está-se puramente nas tintas. No preciso momento em que pensa isto, apercebe-se de que está um pouco embriagado. *Bem*, pensa ele, ajustando automaticamente o seu equilíbrio no convés gelado, agora inclinado doze graus para estibordo e oito graus para a proa, *tenho estado quase sempre embriagado nos últimos três anos, não tenho? Embriagado desde Sophia. Mas ainda sou melhor marinheiro e melhor comandante estando bêbado do que aquele pobre azarado do Franklin foi alguma vez sóbrio. Ou o seu caniche de bochechas rosadas do Fitzjames, já agora.*

Crozier abana a cabeça e desce o convés gelado até à proa e na direção do único homem de vigia que consegue ver à luz vacilante da aurora.

É Cornelius Hickey, ajudante de calafate, baixo e com cara de ratazana. Os homens são todos parecidos quando estão ali fora de vigia, no escuro, uma vez que todos receberam as mesmas roupas para o tempo frio: camadas

de flanela e lã cobertas com um pesado sobretudo impermeável, bulbosas mitenes que saem de copiosas mangas, as suas perucas galesas² — pesados barretes com orelhas caídas — bem puxadas para baixo, muitas vezes com longos abafos — cachecóis enrolados à volta da cabeça até apenas as pontas dos seus narizes feridos pelo frio serem visíveis. Mas cada homem dispõe ou usa as suas roupas regulamentares para o frio de maneira ligeiramente diferente — acrescentando um abafos trazido de casa, talvez, ou uma peruca galesa adicional enfiada por cima da primeira, ou então com umas luvas coloridas amorosamente tricotadas por uma mãe, ou esposa, ou namorada a espreitar por baixo das mitenes da Marinha Real — e Crozier aprendera a distinguir cada um dos cinquenta e nove homens sobreviventes, mesmo à distância e na escuridão.

Hickey está a olhar fixamente para além do gurupés embainhado de gelo, cujos últimos centímetros estão agora cravados numa crista de gelo, à medida que a popa do HMS *Terror* tem sido forçada a subir pela pressão e a proa é empurrada para baixo. O ajudante de calafate Hickey está tão perdido em pensamentos ou com tanto frio que não repara na aproximação do seu comandante até Crozier se juntar a ele numa amurada que se tornou um altar de gelo e neve. A arma do vigia está encostada ao altar. Homem nenhum quer tocar em metal ali fora ao frio, nem mesmo com as mitenes.

Hickey estremece ligeiramente quando Crozier se debruça ao seu lado sobre a amurada. O comandante do *Terror* não consegue ver a cara do homem de vinte e seis anos, mas uma baforada da sua respiração — que se transforma instantaneamente numa nuvem de cristais de gelo refletindo a aurora — aparece do outro lado do espesso círculo dos múltiplos abafos e peruca galesa do rapaz.

Os homens tradicionalmente não fazem a continência durante o inverno no gelo, nem sequer um descontraído tocar na testa recebe um oficial no mar, mas Hickey, espessamente embrulhado, faz aquele estranho movimento de encolher os ombros e baixar a cabeça com que os homens reconhecem a presença do seu comandante quando no exterior. Por causa do frio, os quartos de vigia foram reduzidos das quatro horas para as duas — Deus sabe, pensa Crozier, como temos homens suficientes para isso, neste navio sobrelotado, mesmo com os vigias duplicados — e ele percebe pelos movimentos lentos de Hickey que o homem está meio congelado. Por muitas vezes que tenha dito aos vigias que têm de estar em movimento

² Tradução literal do inglês (*welsh wigs*) — barretes tricotados a partir de fios soltos, cujas múltiplas pontas eram deixadas de fora, conferindo mais calor ao barrete e dando-lhe, ao mesmo tempo, uma aparência de cabelo — de onde derivará o nome por que eram conhecidos. (N. da T.)

no convés — caminhando, correndo no mesmo sítio, saltando para cima e para baixo, se for preciso, ao mesmo tempo que estão atentos ao gelo — eles continuam a ficar tendencialmente imóveis durante a maior parte do seu quarto, como se estivessem nos Mares do Sul com as suas roupas de algodão tropical e à procura de sereias.

— Comandante.

— Senhor Hickey. Alguma coisa?

— Nada, desde os tiros... desde aquele tiro... há quase duas horas, senhor. Mesmo há pouco, ouvi... pensei ter ouvido... talvez um grito, qualquer coisa, comandante... do outro lado da montanha de gelo. Relatei-o ao tenente Irving, mas ele disse que era provavelmente o gelo a pregar-nos partidas.

Crozier fora informado do som do tiro vindo da direção do *Erebus* duas horas antes e subira rapidamente ao convés, mas o som não se repetira, e ele não enviara nenhum mensageiro ao outro navio nem mandara ninguém ir investigar o gelo lá fora. Sair para o mar gelado no escuro com aquela... coisa... à espera na confusão de sulcos e *sastrugi* seria morte certa. As mensagens entre os dois navios eram passadas agora apenas durante aqueles minutos cada vez mais curtos de meia-luz, por volta do meio-dia. Dentro de alguns dias, não haveria verdadeiro dia de todo, apenas a noite ártica. Noite durante vinte e quatro horas. Cem dias de noite.

— Talvez fosse do gelo — disse Crozier, perguntando-se por que razão não teria Irving relatado o possível grito. — O grito também. Apenas o gelo.

— Sim, comandante. Do gelo seria, senhor.

Nenhum dos homens acredita nisso — um tiro de mosquete ou de caçadeira tem um som distinto, mesmo a uma milha de distância, e o som viaja longa e claramente, naquele extremo norte, de uma forma quase sobrenatural — mas é verdade que a massa de gelo que se aperta cada vez mais fortemente contra o *Terror* está sempre a trovejar, a gemer, a estalar, a disparar, a rugir ou a gritar.

Os gritos são o que mais incomoda Crozier, acordando-o da sua hora de sono profundo cada noite. Lembram-lhe demasiado a sua mãe a chorar nos seus últimos dias... ou então as histórias da velha tia, de fadas a gemer pela noite, profetizando a morte de alguém na casa. Ambas as coisas o tinham impedido de dormir quando era rapazinho.

Crozier vira-se lentamente. Já tem as pestanas bordejadas de gelo, e o seu lábio superior está incrustado de hálito e ranho congelados. Os homens aprenderam a manter as barbas bem escondidas sob os seus abafos e camisolas, mas acabam, frequentemente, por ter de cortar os pelos que ficaram colados pelo gelo às suas roupas. Crozier, como a maior parte dos

oficiais, continua a barbear-se todas as manhãs, pese embora, com o esforço de conservar o carvão, a «água quente» que o seu camareiro lhe leva tenda a ser apenas gelo mal descongelado, torne fazer a barba um trabalho doloroso.

— A senhora Silêncio ainda está no convés? — pergunta Crozier.

— Oh, sim, comandante, está quase sempre cá em cima — diz Hickey, agora a sussurrar, como se fizesse alguma diferença. Mesmo que Silêncio os conseguisse ouvir, ela não percebia o seu inglês. Mas os homens acreditam, cada vez mais, à medida que a coisa no gelo os persegue, que a jovem esquimó é uma feiticeira com poderes secretos.

— Está no posto de bombordo com o tenente Irving — acrescenta Hickey.

— O tenente Irving? O seu quarto devia ter terminado há uma hora.

— Sim, senhor. Mas, ultimamente, onde quer que esteja a senhora Silêncio, lá está também o tenente, senhor, se não se importa que lho diga. Ela não vai para baixo, ele não vai para baixo. Até ele ter de, quero dizer... Nenhum de nós consegue ficar aqui fora tanto tempo como aquela bru... aquela mulher.

— Mantenha os olhos no gelo e a cabeça no trabalho, senhor Hickey.

A voz impaciente de Crozier faz o ajudante de calafate estremecer novamente, mas ele faz o seu encolher de ombros em saudação e vira o nariz branco para a escuridão do outro lado da proa.

Crozier atravessa o convés na direção do posto de vigia de bombordo. No mês anterior, preparara o navio para o inverno, após as três semanas de falsa esperança de fuga em agosto. Crozier ordenara mais uma vez que os mastaréis fossem virados ao longo do eixo paralelo do navio, usando-os como vigas mestras. Depois tinham reconstruído o toldo em pirâmide para cobrir a maior parte do convés principal, voltando a erguer as vigas de madeira que tinham sido acondicionadas em baixo durante as suas poucas semanas de otimismo. Porém, embora os homens trabalhem durante horas, todos os dias, a abrir avenidas à pazada por entre os trinta centímetros de gelo deixado para isolamento no convés, atacando-o com picaretas e escopros, limpando a camada de gelo que se formou debaixo do telhado de lona e, finalmente, despejando linhas de areia para tração, há sempre um vidro de gelo que permanece. A deslocação de Crozier ao subir o convés inclinado é, por vezes, mais um gracioso movimento de patinagem do que propriamente um passo.

O vigia de bombordo designado para aquele quarto, o aspirante de marinha Tommy Evans — Crozier identifica o homem mais jovem a bordo pelo absurdo gorro verde, obviamente feito pela mãe, que Evans enfia sempre por cima da volumosa peruca galesa — afastou-se uns dez passos

à popa para permitir ao terceiro-tenente Irving e a Silêncio alguma privacidade.

Isto faz com que o comandante Crozier tenha vontade de dar um pontapé no traseiro de alguém — ou de toda a gente.

A mulher esquimó parece um urso baixo e redondo, com a sua roupa feita de peles — *parka*, capuz e calças. Está meio de costas para o alto tenente. Mas Irving está perto dela na amurada — não exatamente a tocá-la, mas mais perto do que um oficial e cavalheiro estaria de uma dama numa festa de jardim ou num iate de recreio.

— Tenente Irving. — Crozier não queria pôr tanta brusquidão no cumprimento, mas não fica infeliz quando o jovem dá um salto, como que tocado pela ponta de uma lâmina afiada, quase perde o equilíbrio, agarra-se à amurada gelada com a mão esquerda e, como insiste em fazer apesar de saber o protocolo adequado de um navio no gelo, faz a continência com a mão direita.

É uma saudação ridícula, pensa Crozier, e não apenas por causa das volumosas mitenes, peruca galesa e camadas de roupas para o frio que fazem com que o jovem Irving pareça uma morsa a bater continência, mas também porque o rapaz deixou que o abafo lhe caísse do rosto barbeado — talvez para mostrar a Silêncio como é atraente — e agora dois longos pingentes de gelo pendem das suas narinas, fazendo-o parecer ainda mais uma morsa.

— À vontade — diz Crozier. *Idiota de um raio*, acrescenta mentalmente.

Irving fica numa posição rígida, olha de relance para Silêncio — ou, pelo menos, para a parte de trás do seu hirsuto capuz — e abre a boca para falar. Evidentemente, não consegue lembrar-se de nada para dizer. Fecha a boca. Tem os lábios tão brancos como a sua pele gelada.

— Este não é o seu quarto, tenente — diz Crozier, ouvindo novamente a agressividade na sua voz.

— Sim, sim, senhor. Quero dizer, não, senhor. Quero dizer, o comandante está correto, senhor. Quero dizer... — Irving fecha a boca outra vez, mas o efeito é, de alguma forma, arruinado pelo bater dos seus dentes. Com aquele frio, os dentes podem esmigalhar-se ao fim de duas ou três horas, explodir, na verdade, lançando estilhaços de osso e esmalte em voo para o interior da caverna dos maxilares cerrados de uma pessoa. Por vezes, e Crozier sabe-o por experiência própria, é possível ouvir o esmalte a estalar um momento antes de os dentes explodirem.

— Porque é que ainda está aqui fora, John?

Irving tenta pestanejar, mas as suas pálpebras estão literalmente congeladas.

— Ordenou-me que tomasse conta da nossa hóspede... que olhasse por... que cuidasse de Silêncio, comandante.

O suspiro de Crozier emerge como cristais de gelo que ficam suspensos no ar por um segundo, para depois caírem no convés como outros tantos diamantes minúsculos.

— Eu não queria dizer a todo o *minuto*, tenente. Disse-lhe que a vigiasse, que me relatasse o que ela faz, que a mantivesse em segurança no navio, e que nenhum dos homens lhe fizesse alguma coisa que... a comprometesse. Acha que ela corre o risco de ser comprometida aqui no convés, tenente?

— Não, comandante. — A frase de Irving soou mais como uma pergunta do que uma resposta.

— Sabe quanto tempo a pele exposta demora a congelar aqui, tenente?

— Não, comandante. Quero dizer, sim, comandante. É bastante rápido, senhor, julgo eu.

— Devia saber, tenente Irving. Já sofreu queimaduras com o frio por seis vezes, e ainda nem sequer é oficialmente inverno.

O tenente Irving acena lugubrememente com a cabeça.

— Demora *menos de um minuto* para que um dedo exposto, ou qualquer outro apêndice, congele — continua Crozier, que sabe que isto é um monte de tretas. Leva muito mais tempo do que isso a uns meros quarenta e cinco negativos, mas ele espera que Irving não o saiba. — Depois disso, o membro exposto vai cair como um pingente de gelo — acrescenta Crozier.

— Sim, comandante.

— Então acha *realmente* que existe alguma hipótese de a nossa convidada ser... *comprometida*... aqui no convés, senhor Irving?

Irving parece estar a pensar nisto antes de responder. É possível, apercebe-se Crozier, que o terceiro-tenente tenha já pensado demasiado nesta equação.

— Vá para baixo, John — diz Crozier. — E vá ter com o doutor McDonald para ele lhe ver a cara e os dedos. Juro-lhe por Deus que, se ficar seriamente queimado outra vez, corto-lhe um mês do pagamento do Serviço de Descobertas e ainda escrevo à sua mãe.

— Sim, comandante. Obrigado, senhor. — Irving começa a fazer a continência outra vez, arrepende-se, e enfia-se debaixo da lona na direção da escotilha ainda com uma mão meio erguida. Não olha para Silêncio.

Crozier suspira novamente. Ele gosta de John Irving. O rapaz ofereceu-se como voluntário — juntamente com dois dos seus camaradas do HMS *Excellent*, o segundo-tenente Hodgson e o imediato Mate Hornby — mas o *Excellent* era o raio de um navio de guerra de três cobertas que já era velho antes de Noé ter penugem à volta do pirilau. Crozier sabia que o navio estava sem mastros e permanentemente ancorado em Portsmouth há mais

de quinze anos, servindo como embarcação de treino para os artilheiros mais promissores da Marinha Real. *Infelizmente, cavalheiros*, dissera Crozier aos rapazes durante o seu primeiro dia a bordo — o comandante estava mais embriagado do que o costume nesse dia — *se olharem à vossa volta, vão reparar que, embora o Terror e o Erebus tenham sido construídos como lanchas bombardeiras, cavalheiros, nenhum tem uma única arma. Nós estamos, jovens voluntários do Excellent — e a não ser que contem os mosquetes e espingardas guardados no paiol de bebida — tão desarmados como um bebé recém-nascido. Tão desarmados como o cabrão do Adão com a puta da roupa com que nasceu. Por outras palavras, cavalheiros, os vossos conhecimentos de artilharia são tão úteis nesta expedição como tetas num varrão.*

O sarcasmo de Crozier nesse dia não amortecera o entusiasmo dos jovens artilheiros — Irving e os outros dois continuavam mais dispostos do que nunca a ficar congelados durante vários invernos. Claro, isso fora num morno dia de maio de 1845, em Inglaterra.

— E agora o pobre cachorrinho está apaixonado por uma bruxa esquimó — balbucia Crozier.

Como se tivesse compreendido as suas palavras, Silêncio volta-se lentamente para ele.

Normalmente, o seu rosto é invisível no profundo túnel do seu capuz, ou as suas feições estão mascaradas pelo largo rufo de pelo de lobo, mas nessa noite Crozier consegue ver o seu nariz minúsculo, os olhos grandes e a boca cheia. O pulsar da aurora reflete-se naqueles olhos pretos.

Para o comandante Francis Rawdon Moira Crozier, Silêncio não é atraente; há nela demasiado de selvagem para a conseguir olhar como inteiramente humana, quanto mais fisicamente atraente — até para um irlandês presbiteriano — e, para além disso, a sua mente e regiões inferiores estão ainda ocupados com límpidas memórias de Sophia Cracroft. Mas Crozier percebe porque Irving, longe de casa e de família e de qualquer possível namorada, se possa apaixonar por aquela mulher pagã. Só a sua singularidade — e talvez até as sinistras circunstâncias da sua chegada e a morte do seu companheiro, tão estranhamente entrelaçadas com os primeiros ataques daquela entidade monstruosa lá fora no escuro — deviam ser a chama para a traça que era um jovem e incurável romântico como o terceiro-tenente John Irving.

Crozier, por outro lado, como descobriu na Terra de Van Diemen, em 1840, e de novo nos últimos meses em Inglaterra antes da partida da expedição, é demasiado velho para o amor. É demasiado irlandês. É demasiado vulgar.

Naquele momento, só desejava que aquela jovem mulher fosse dar um passeio para o gelo escuro e não voltasse.

Crozier lembra-se do dia, quatro meses antes, em que o doutor McDonald apresentou o seu relatório perante Franklin e ele próprio depois de a examinar, na mesma tarde em que o homem esquimó que chegara com ela morreu sufocado no seu próprio sangue. McDonald dissera que, segundo a sua opinião médica, a rapariga esquimó parecia ter entre quinze a vinte anos — era difícil de perceber com os povos nativos — já experimentara a menarca, mas era, por todas as indicações, *virgo intacta*. Além disso, relatara o doutor McDonald, a razão por que aquela rapariga não falava nem proferia nenhum som — mesmo depois de o seu pai, ou marido, ter sido abatido a tiro — era porque não tinha língua. Na opinião do doutor McDonald, a sua língua não tinha sido cortada mas mastigada perto da base, quer pela própria Silêncio quer por alguém ou alguma outra coisa.

Crozier ficara atónito — não tanto por causa da língua desaparecida, mas por ouvir dizer que a rapariga esquimó era virgem. Já passara tempo suficiente no ártico — especialmente durante a expedição de Parry, quando invernara perto de uma aldeia esquimó — para saber que os nativos locais viam a relação sexual de forma tão ligeira que os homens ofereciam as suas esposas e filhas aos baleeiros ou aos exploradores do Serviço de Descobertas em troca da mais barata bugiganga. Crozier sabia que, por vezes, eram as próprias mulheres que se ofereciam só pelo prazer da coisa, e riam e conversavam com outras mulheres ou crianças mesmo enquanto os marinheiros se esforçavam e bufavam e gemiam entre as pernas das risonhas mulheres. Eram como animais. As peles e couros forrados que usavam bem podiam ser as suas próprias peles bestiais, tanto quanto a Francis Crozier dizia respeito.

O comandante ergue a mão enluvada à aba do seu chapéu, preso sob duas voltas do pesado abafo e, por conseguinte, impossível de mover, e diz:

— Os meus cumprimentos, minha senhora. Posso sugerir que considere descer ao seu alojamento em breve? Está a ficar um pouco frio, aqui fora.

Silêncio olha-o fixamente. Não pestaneja, embora, de alguma maneira, as suas pestanas estejam livres de neve. Claro, ela não diz nada. Fica a observá-lo.

Crozier leva novamente a mão ao chapéu e continua a sua volta ao convés, subindo a popa elevada pelo gelo e depois descendo do lado de estibordo, parando para falar aos outros dois homens de vigia, dando tempo a Irving para descer e se livrar das roupas do frio para que o comandante não pareça estar a seguir nos calcanhares do seu tenente.

Está a terminar a sua conversa com o último vigia gelado, o marinheiro de primeira classe Shanks, quando o soldado Wilkes, o mais novo dos fuzileiros da Marinha Real a bordo, sai a correr de debaixo da lona. Wilkes

apenas enfiara duas soltas camadas de roupa por cima do uniforme, e os seus dentes começam a bater mesmo antes de transmitir a mensagem.

— Cumprimentos do senhor Thompson ao comandante, senhor, e o maquinista-chefe diz que o comandante devia descer ao porão o mais depressa que lhe for possível.

— Porquê? — Crozier sabia que, se a caldeira estivesse finalmente avariada, estavam todos mortos.

— Com o perdão do comandante, senhor, mas o maquinista-chefe Thompson diz que precisa do comandante porque o marinheiro Manson está à beira do motim, senhor.

Crozier endireita-se imediatamente.

— Motim?

— À beira disso, foram as palavras do senhor Thompson, senhor.

— Fale inglês, soldado Wilkes.

— Manson diz que não passa com mais sacos de carvão pela morgue, senhor. Nem desce mais ao porão. Ele diz que recusa respeitosamente, comandante. Não quer subir, mas está sentado com o rabo ao fundo da escada e não carrega mais carvão para a sala da caldeira.

— Que disparate é este? — Crozier sente os primeiros sinais de uma já conhecida e negra fúria irlandesa.

— São os fantasmas, comandante — diz o soldado Wilkes por entre os dentes a chocalhar. — Todos os ouvimos quando estamos a carregar carvão ou a ir buscar qualquer coisa aos armazéns ao fundo. É por isso que os homens já não descem mais abaixo do que o bailéu, a não ser que os oficiais lho ordenem, senhor. Está alguma coisa lá em baixo no porão, no escuro. Tem andado qualquer coisa a arranhar e a bater por dentro do navio, comandante. E não é só o gelo. Manson tem a certeza que é o velho amigo Walker, senhor, ele... aquilo... e os outros cadáveres lá guardados na morgue, a tentar sair.

Crozier controla o seu impulso para tranquilizar o fuzileiro naval com os factos. O jovem Wilkes pode não achar os factos propriamente tranquilizadores.

O primeiro facto simples é que o ruído de esgaravatar que sai da morgue é quase certamente causado pelas centenas ou milhares de enormes ratazanas negras que se banqueteiavam com os congelados camaradas de Wilkes. As ratazanas — como Crozier sabe melhor do que o jovem soldado — são noturnas, o que significa que estão ativas dia e noite durante o longo inverno ártico, e as criaturas têm dentes que estão constantemente a crescer. Isto, por sua vez, significa que os malditos parasitas têm de estar sempre a mastigar. Ele viu-os roer barris de carvalho da Marinha Real, tinas espessas, e até chapas de chumbo. Não terão mais dificuldade lá em

baixo com os restos mortais congelados do marinheiro Walker e dos seus cinco azarados camaradas — incluindo três dos melhores oficiais de Crozier — do que um homem teria para roer uma tira de carne fria salgada.

Mas Crozier não acredita que sejam apenas as ratazanas que Manson e os outros andam a ouvir.

As ratazanas, como Crozier sabe pela triste experiência de treze invernos no gelo, tendem a comer o amigo de uma pessoa silenciosa e eficientemente, se se excetuarem os guinchos frequentes quando os enlouquecidos e esfomeados roedores se viram uns contra os outros.

É outra coisa que está a arranhar e a bater no porão.

O que Crozier decide não recordar ao soldado Wilkes é o segundo facto simples: se é verdade que a coberta inferior seria, em condições normais, fria mas segura, debaixo da linha de água ou da linha de inverno de mar gelado, a pressão do gelo forçou a popa do *Terror* a subir mais do que um metro acima do que deveria estar. O casco ali ainda está preso, mas apenas por várias centenas de toneladas de gelo irregular e mais as toneladas de neve que os homens amontoaram a pouca distância da amurada de forma a proporcionar mais isolamento durante o inverno.

Alguma coisa, suspeita Francis Crozier, escavou por entre aquelas toneladas de neve e fez um túnel pelas chapas de gelo, duras como ferro, para chegar até ao casco do navio. De alguma maneira, a coisa sentiu que partes do interior ao longo do casco, como os tanques de armazenamento de água, estão forradas de ferro, e encontrou um dos poucos pontos ocultos nas áreas de armazenamento — a morgue — que levam diretamente ao interior do navio. E agora está a bater e a arranhar para conseguir entrar.

Crozier sabe que há apenas uma coisa na terra com tanto poder, persistência mortal e maligna inteligência. O monstro no gelo está a tentar alcançá-los por baixo.

Sem dizer mais nenhuma palavra ao soldado da marinha Wilkes, o comandante Crozier desce para resolver as coisas.

2
FRANKLIN

*Lat. 51°-29' N., Long. 0°-0' O.
Londres, maio de 1845*

Ele era — e sempre seria — o homem que comeu os próprios sapatos. Quatro dias antes da partida prevista, o comandante Sir John Franklin contraíra uma gripe que andava a circular, apanhando-a, tinha a certeza, não de um dos marinheiros e estivadores que carregavam os navios nas docas de Londres, não de nenhum dos seus cento e trinta e quatro membros da tripulação e oficiais — esses eram tão saudáveis como cavalos de carga — mas de um doentio sicofanta num dos círculos de amigos da senhora Jane.

O homem que comeu os próprios sapatos.

Era tradição entre as esposas de heróis do ártico costurar uma bandeira para ser plantada em algum ponto extremo no norte, ou, neste caso, erguida sobre a conclusão da expedição de travessia da Passagem de Noroeste, e a mulher de Franklin, Jane, estava a terminar de costurar a bandeira de seda quando ele chegou a casa. Sir John entrou no salão e quase desfaleceu no sofá de pelo de cavalo perto de onde ela se sentava. Mais tarde não se recordaria de ter removido as botas, mas alguém o devia ter feito — ou Jane ou um dos criados — pois em breve estava deitado de costas e meio a dormir, com a cabeça a doer, uma náusea maior do que alguma vez experimentara no mar e a pele a arder de febre. A senhora Jane estava a falar-lhe do seu dia ocupado, nunca se detendo no seu recital. Sir John tentava ouvi-la enquanto a febre o levava na sua maré incerta.

Ele era o homem que comeu os próprios sapatos, e já o era há vinte e três anos, desde 1822, quando regressara a Inglaterra depois da sua pri-

meira — e fracassada — expedição terrestre pelo norte do Canadá para descobrir a Passagem do Noroeste. Lembrava-se dos risinhos e das piadas por altura da sua volta. Franklin comera os seus sapatos — e comera ainda pior naquela mal alinhavada viagem de três anos, incluindo *tripe-de-roche*, uma papa nojenta feita com líquenes raspados das rochas. Depois de dois anos a passar fome, ele e os seus homens — Franklin dividira confusamente as tropas em três grupos e deixara os outros dois bandos para sobreviverem ou morrerem por sua conta — tinham fervido as gáspeas das suas botas e sapatos para sobreviver. Sir John — era apenas John, nessa altura, fora armado cavaleiro por incompetência depois de uma outra viagem por terra e uma expedição polar por mar — passara dias em 1821 a comer nada mais do que pedaços de couro não curtido. Os seus homens tinham comido as suas capas de dormir de pele de búfalo. Depois alguns deles tinham passado para outras coisas.

Mas ele nunca comera outro homem.

Até àquele dia, Franklin duvidava que os outros membros da sua expedição, incluindo o seu bom amigo e tenente doutor John Richardson, tivessem conseguido resistir a essa tentação. Demasiado acontecera enquanto os grupos estavam separados, enquanto andavam aos tropeções pelos ermos e florestas do ártico, a tentar desesperadamente regressar ao pequeno forte improvisado por Franklin, o forte Enterprise, e aos verdadeiros fortes, Providence e Resolution.

Morreram nove homens brancos e um esquimó. Nove mortos entre os vinte e um homens com que o jovem tenente John Franklin, de trinta e três anos e já rechonchudo e a perder o cabelo, saíra do forte Resolution em 1819, mais um dos guias nativos que tinham recrutado ao longo do caminho — Franklin recusara-se a deixar o homem abandonar a expedição para procurar comida por si. Dois dos homens tinham sido assassinados a sangue frio. Pelo menos um deles fora, sem qualquer dúvida, devorado pelos outros. Mas apenas um verdadeiro inglês morrerá. Apenas um verdadeiro homem branco. Todos os outros eram meros *voyageurs* franceses ou índios. Isto era uma espécie de sucesso — apenas um branco inglês morrerá, mesmo que todos os outros tivessem sido reduzidos a esqueletos de barbas que só produzem sons inarticulados. Mesmo que todos os outros tivessem sobrevivido apenas porque George Back, aquele maldito e lúbrico guarda-marinha, caminhará muitos quilómetros pela neve para trazer provisões e — mais importante que as provisões — mais índios para alimentar e cuidar de Franklin e do seu grupo moribundo.

Aquele maldito Back. Nada bom cristão. Arrogante. Nem sequer um verdadeiro cavaleiro, apesar de ter sido mais tarde armado cavaleiro de-

pois de uma expedição ártica naquele mesmo HMS *Terror* que era agora comandado por Sir John.

Naquela expedição, a expedição de Back, o *Terror* fora erguido quinze metros no ar por uma crescente torre de gelo, depois caíra tão violentamente que cada prancha de carvalho no casco abrira um rombo. George Back conseguira levar o navio todo o caminho de volta até à costa da Irlanda, com a água a entrar, dando à praia umas meras horas antes do momento em que afundaria. A tripulação enrolara correntes à volta da embarcação, para apertar as suas tábuas o tempo suficiente para os levar de volta a casa. Todos os homens tinham escorbuto — gengivas pretas, olhos a sangrar, os dentes a cair — e a loucura e alucinações que acompanhavam a doença.

Depois disso, Back fora armado cavaleiro, claro. É o que a Inglaterra e o Almirantado costumam fazer quando alguém regressa de uma expedição polar que falhou miseravelmente e resultou em terrível perda de vidas; quem sobrevive ganhava um título e uma parada. Depois de Franklin regressar da sua segunda expedição de mapeamento costeiro no extremo norte da América do Norte em 1827, fora armado pessoalmente pelo rei Jorge IV. A Sociedade Geográfica de Paris dera-lhe uma medalha de ouro. Fora agraciado com a capitania da bonita fragata HMS *Rainbow* e enviado para o Mediterrâneo, um destino que todos os capitães de mar e guerra da Marinha Real rezavam por receber. Pedira em casamento uma das melhores amigas da sua falecida esposa Eleanor, a enérgica, bela e franca Jane Griffin.

— Por isso, eu expliquei a Sir James, enquanto bebíamos o chá — estava Jane a dizer — que o crédito e a reputação do meu querido Sir John eram-me infinitamente mais preciosos do que qualquer prazer na proximidade do meu marido, mesmo que ele tenha de estar fora durante quatro anos... ou cinco.

Qual era o nome daquela rapariga índia de quinze anos por quem Back ia lutar em duelo nos seus alojamentos de inverno no forte Enterprise?

Meias-Verdes. Era isso. Meias-Verdes.

Aquela rapariga era má. Bela, sim, mas má. Não tinha qualquer vergonha. O próprio Franklin, apesar de todos os esforços para nunca a olhar, vira-a despojar-se das suas vestes de pagã e atravessar toda nua metade da extensão da cabana numa noite de luar.

Ele tinha trinta e quatro anos, na altura, mas ela era a primeira fêmea humana nua que alguma vez vira, e, mesmo agora, a mais bonita. A pele escura. Os seios já pesados como fruta esférica, mas também ainda os de uma adolescente, os mamilos ainda não erguidos, as auréolas, estranhos e macios círculos castanho-escuros. Era uma imagem que Sir John

não fora capaz de erradicar da sua memória — por mais que tentasse e rezasse — no quarto de século que passara. A rapariga não tinha o clássico V de pelo púbico que Franklin vira na sua primeira mulher, Eleanor — entrevisto apenas uma vez, de relance, quando ela se preparava para o banho, uma vez que Eleanor nunca permitira que a mais ténue luz iluminasse as raras vezes que tinham feito amor —, nem o mais esparso mas mais selvagem ninho cor de trigo que era parte do corpo a envelhecer da sua atual esposa, Jane. Não, a índia Meias-Verdes tinha apenas um estreito escudete vertical, do mais puro negro, por cima das suas partes femininas. Delicado como a pena de um corvo. Tão preto como o próprio pecado.

O guarda-marinha escocês Robert Hood, que já fora pai de um bastardo com uma outra índia durante aquele interminável primeiro inverno na cabana a que Franklin chamara forte Enterprise, apaixonara-se prontamente pela índia adolescente Meias-Verdes. A rapariga andara a deitar-se previamente com o outro guarda-marinha, George Back, mas, como Back fora caçar, ela transferira a sua fidelidade sexual para Hood com a facilidade conhecida apenas em pagãos e primitivos.

Franklin ainda se lembrava dos grunhidos de paixão nas longas noites — não uma paixão de uns poucos minutos, como ele experimentara com Eleanor (sem soltar grunhidos nem quaisquer outros barulhos, claro, isso não era coisa de um cavalheiro), nem mesmo dois breves acessos de paixão, como naquela noite memorável da sua lua-de-mel com Jane; não, Hood e Meias-Verdes faziam-no meia dúzia de vezes. Ainda mal tinham terminado os ruídos que Hood e a rapariga faziam no alpendre contíguo quando recomeçavam novamente — os risos, as pequenas gargalhadas, depois os suaves gemidos que conduziam outra vez aos gritos mais sonoros enquanto a desavergonhada rapariga-mulher incitava Hood.

Jane Griffin tinha trinta e seis anos quando casara com o recém-arrumado Sir John Franklin, em 5 de dezembro de 1828. Tinham passado a lua-de-mel em Paris. Franklin não gostava particularmente da cidade nem dos franceses, mas o hotel era luxuoso e a comida muito boa.

Franklin estivera numa espécie de receio de que, durante as viagens no continente, pudessem encontrar aquele tal Roget — Peter Mark, o que ganhou alguma espécie de atenção literária por ter preparado a publicação daquele tolo dicionário, ou lá o que era — o mesmo homem que pedira em tempos a mão de Jane Griffin em casamento, apenas para ser rejeitado como todos os outros pretendentes tinham sido quando ela era mais nova. Franklin espreitara uma vez os diários de Jane dessa época — racionalizara o seu crime pensando que a mulher queria que ele encontrasse e lesse os muitos volumes encadernados a carneira, se não porque os teria deixado

num sítio tão óbvio? — e vira, na letra apertada e perfeita da sua amada, a passagem que ela escrevera no dia em que Roget finalmente casara com outra pessoa — «o romance da minha vida já não existe».

Robert Hood andava a fazer barulhos com a Meias-Verdes há seis intermináveis noites árticas quando o seu companheiro guarda-marinha George Back regressou de uma expedição de caça com os índios. Os dois homens combinaram um duelo ao nascer do Sol — por volta das 10 horas — da manhã seguinte.

Franklin não soubera o que fazer. O corpulento tenente era incapaz de exercer qualquer disciplina sobre os carrancudos *voyageurs* ou os desdeñosos indianos, quanto mais controlar o teimoso Hood ou o impulsivo Back.

Ambos os guarda-marinhas eram artistas e cartógrafos. A partir dessa altura, Franklin nunca mais confiara num artista. Quando o escultor em Paris fizera as mãos da senhora Jane e o sodomita perfumado ali em Londres estivera quase um mês a pintar o seu retrato a óleo oficial, Franklin nunca deixara os homens sozinhos com ela.

Back e Hood iam encontrar-se ao nascer do Sol para um duelo de morte e não havia nada que John Franklin pudesse fazer para além de se esconder na cabana e rezar por que a morte ou ferimentos resultantes não destruíssem o último vestígio de sanidade da sua já comprometida expedição. As suas ordens não tinham especificado que ele deveria levar *comida* para o percurso de 1200 milhas por terra ártica, mar costeiro e rio. Do seu próprio bolso, ele fornecera mantimentos necessários para alimentar os dezasseis homens por um dia. Franklin assumira que depois os índios caçariam para eles e os alimentariam adequadamente, e que os guias lhe carregariam as bagagens e lhe remariam a sua canoa de vidoeiro.

As canoas de vidoeiro tinham sido um erro. Vinte e três anos depois do facto, estava disposto a admiti-lo — para si mesmo, pelo menos. Passados apenas alguns dias nas águas entupidas de gelo ao longo da costa norte, alcançada mais de ano e meio após a sua partida do forte Resolution, as fracas embarcações tinham começado a desfazer-se.

Franklin, de olhos fechados, a testa a arder, a cabeça a palpitar, apenas meio atento à ininterrupta corrente da tagarelice de Jane, recordou a manhã em que ficara deitado no seu pesado saco-cama e fechara os olhos com força, enquanto Back e Hood davam os seus quinze passos no exterior da cabana e depois viraram-se para disparar. Os malditos índios e os malditos *voyageurs* — igualmente selvagens em muitos sentidos — estavam a lidar com o duelo de morte como se fosse um entretenimento. Meias-Verdes, lembrava-se Franklin, parecia radiante, nessa manhã, com um brilho quase erótico.

Deitado no seu saco, com as mãos sobre os ouvidos, Franklin ainda ouviu a ordem de dar os passos, a ordem de virar, a ordem de apontar, a ordem de disparar.

Depois dois cliques. As gargalhadas dos outros.

Durante a noite, o velho marinheiro escocês que dera os sinais, aquele rude e pouco cavalheiro John Hepburn, retirara a carga e as balas das pistolas cuidadosamente preparadas.

Ridicularizados pelo riso incessante da multidão de *voyageurs* e índios, Hood e Back tinham-se afastado, a bater com os pés, em direções opostas. Pouco depois disso, Franklin ordenara a George Back que voltasse aos fortes para ir buscar mais provisões da Hudson Bay Company. Back estivera fora quase todo o inverno.

Franklin comera os seus sapatos e subsistira de líquenes raspados das rochas — uma refeição viscosa que fazia vomitar qualquer cão inglês que se prezasse — mas ele nunca provara carne humana.

Um longo ano após o duelo adiado e já com a expedição de Franklin dividida, no grupo de Richardson, aquele grosseiro iroquês meio louco, Michel Teroahaute, matara o guarda-marinha, artista e cartógrafo Robert Hood com um tiro no centro da testa.

Uma semana antes do crime, o índio trouxera ao grupo esfomeado um pedaço de carne de sabor forte, insistindo que vinha de um lobo que ou fora morto por um caribu ou pelo próprio Teroahaute com uma haste de veado — a história do índio estava sempre a mudar. O grupo esfomeado cozinhou e comera a carne, mas não antes de o doutor Richardson reparar num pequeno vestígio de uma tatuagem na pele. O doutor contou mais tarde a Franklin que tinha a certeza de que Teroahaute regressara ao corpo de um dos *voyageurs* que tinham morrido essa semana no caminho.

O índio esfomeado e um Hood moribundo estavam sozinhos quando Richardson, que se afastara para raspar líquenes das rochas, ouvira o tiro. Suicídio, insistira Teroahaute, mas o doutor Richardson, que atendera a vários suicídios, sabia que a posição da bala no cérebro de Robert Hood não viera de um tiro autoinfligido.

A seguir, o índio armara-se com uma baioneta inglesa, um mosquete, duas pistolas completamente carregadas e uma faca tão comprida como o seu antebraço. Os dois não-índios remanescentes — Hepburn e Richardson — tinham apenas uma pequena pistola e um pouco fiável mosquete entre os dois.

Richardson, agora um dos mais respeitados cientistas e cirurgiões de Inglaterra, amigo do poeta Robert Burns, mas na altura apenas um promissor médico de expedição e naturalista, esperara que Michel Teroahaute regressasse de uma expedição de forragem e, ao vê-lo regressar com os bra-

ços carregados de lenha, erguera a sua pistola e dera-lhe um tiro na cabeça a sangue frio.

O doutor Richardson admitira mais tarde que comera o agasalho de pele de búfalo do falecido Hood, mas nem Hepburn nem Richardson — os únicos sobreviventes do seu grupo — alguma vez mencionaram que mais podiam ter comido na semana de árdua caminhada durante o seu regresso ao forte Enterprise.

Ali, Franklin e o seu grupo estavam demasiado fracos para se aguentarem de pé ou caminharem. Richardson e Hepburn pareciam fortes, em comparação.

John Franklin podia ser o homem que comera os seus sapatos, mas ele nunca...

— A cozinheira está a preparar carne assada para o jantar, meu querido. O seu prato favorito. Como ela é nova... eu tenho a certeza que a irlandesa estava a meter a mão nas nossas contas, roubar é tão característico dos irlandeses como beber... eu lembrei-a de que o senhor insiste que a carne deve estar suficientemente mal passada para sangrar ao toque da faca de trinchar.

Franklin, a flutuar na maré vazante da sua febre, tentou formular palavras para responder, mas as vagas de dor de cabeça, náusea e calor eram demasiado fortes. Ele estava a transpirar debaixo da camisola interior e do colarinho.

— A mulher do almirante Sir Thomas Martin mandou-nos um cartão delicioso, hoje, e um maravilhoso ramo de flores. Devo dizer que as rosas ficam lindas na sala de visitas. Viu-as? Teve tempo para conversar com o almirante Martin na receção? Claro, ele não é assim tão importante, pois não? Mesmo como Controlador da Marinha? Certamente não é tão importante como o Primeiro Lorde ou os Primeiros Comissários, e muito menos como os seus amigos no Conselho do Ártico.

O comandante Sir John Franklin tinha muitos amigos; toda a gente gostava do comandante Sir John Franklin. Mas ninguém o respeitava. Durante décadas, Franklin reconhecera o primeiro facto e evitara o último, mas agora ele sabia ser verdade. Toda a gente gostava dele. Ninguém o respeitava.

Principalmente depois da Terra de Van Diemen. Principalmente depois da prisão da Tasmânia e da confusão que ele lá causara.

Eleanor, a sua primeira mulher, estava a morrer quando ele a deixara para partir para a sua segunda grande expedição.

Ele sabia que ela estava moribunda. Ela sabia que estava moribunda. A sua tísica pulmonar — e o conhecimento de que ela morreria disso muito antes de o marido morrer em batalha ou em expedição — estivera com eles como uma terceira pessoa na sua cerimónia de casamento. Nos vinte e dois

meses do seu casamento, ela dera-lhe uma filha, a sua única descendente, a pequena Eleanor.

Uma mulher pequena e frágil de corpo — mas quase assustadora em espírito e energia — a sua primeira esposa insistira que ele aceitasse esta segunda expedição para encontrar a Passagem do Noroeste, esta viagem por terra e por mar para seguir a linha da costa norte-americana, mesmo enquanto ela tossia sangue e sabia que o fim estava próximo. Dizia que seria melhor para ela se ele estivesse noutra lado qualquer. Ele acreditara. Ou, pelo menos, acreditara que seria melhor para si próprio.

Um homem profundamente religioso, John Franklin rezara para que Eleanor morresse antes da data da partida. Ela não morreria. Ele partira a 16 de fevereiro de 1825, escrevera muitas cartas à sua amada enquanto em trânsito no lago Great Slave, enviara-os da cidade de Nova Iorque e em Albany, e soubera do seu falecimento a 24 de abril, no posto naval britânico em Penetanguishene. Ela morreria pouco depois de o seu barco sair de Inglaterra.

Ao regressar da sua expedição, em 1827, a amiga de Eleanor, Jane Griffin, estava à sua espera.

A receção no almirantado fora há menos de uma semana — não, precisamente uma semana antes daquela maldita gripe. O comandante Sir John Franklin e todos os seus oficiais e companheiros do *Erebus* e do *Terror* tinham comparecido, claro. Tal como os civis na expedição — o mestre do gelo do *Erebus*, James Reid, e o mestre do gelo do *Terror*, Thomas Blanky, juntamente com os comissários e cirurgiões.

Sir John estava magnífico, com o seu novo fraque azul, calças azuis riscadas a ouro, dragonas douradas, espada cerimonial, e chapéu bicorne da era de Nelson. O capitão-de-fragata James Fitzjames, que recebera o comando do *Erebus*, o seu navio-almirante, e muitas vezes chamado o homem mais atraente da Marinha Real, parecia tão notável e humilde como o herói de guerra que ele era. Fitzjames encantara toda a gente, nessa noite. Francis Crozier, como sempre, parecera hirta, desconfortável, melancólico e ligeiramente inebriado.

Mas Jane estava errada — os membros do «Conselho Ártico» não eram amigos de Sir John. O Conselho Ártico, na realidade, não existia. Era uma sociedade honorária mais do que uma verdadeira instituição, mas era também o mais seleta clube de toda a Inglaterra.

Tinham conversado na receção, Franklin e os seus oficiais superiores com os altos, magros e cinzentos membros do lendário Conselho Ártico.

Para se ganhar a qualidade de associado do Conselho, a única coisa que era necessário fazer era comandar uma expedição ao mais longínquo norte ártico... e sobreviver.

O visconde Melville — o primeiro notável na longa fila que deixara Franklin incaracteristicamente transpirado e mudo — era Primeiro Lorde do almirantado e o patrocinador do patrocinador da expedição, Sir John Barrow. Mas Melville não era uma velha força ártica.

As verdadeiras lendas do Conselho Ártico — a maior parte delas na casa dos setenta — eram, para o nervoso Franklin nessa noite, mais como a assembleia de bruxas no *Macbeth* ou uma reunião de cinzentos fantasmas do que homens vivos. Cada um daqueles homens precedera Franklin na busca da Passagem, e todos tinham regressado vivos, ainda que não completamente vivos.

Poderia alguém, perguntou-se Franklin nessa noite, regressar *realmente* vivo depois de invernar nas regiões árticas?

Sir John Ross, o seu rosto de escocês com mais facetas afiadas do que um icebergue, tinha sobranceiras salientes como os rufos e penas daqueles pinguins que o sobrinho, Sir James Clark Ross, descrevera após a sua viagem ao ártico sul. A voz de Ross era tão áspera como uma pedra arenosa a ser arrastada por um convés lascado.

Sir John Barrow, mais velho do que Deus e duas vezes mais poderoso. O pai da exploração ártica séria em Inglaterra. Todos os outros ali naquela noite, mesmo os septuagenários de cabelos brancos, eram rapazes... os miúdos de Barrow.

Sir William Parry, cavalheiro dos cavalheiros mesmo entre a realeza, que tentara por quatro vezes forçar a Passagem apenas para ver homens morrerem e o seu *Fury* comprimido e esmagado e afundado.

Sir James Clark Ross, há pouco tempo armado cavaleiro, era também recém-casado com uma esposa que o obrigara a renunciar a mais expedições. Teria o lugar de Franklin como comandante da expedição se o quisesse, e ambos os homens o sabiam. Ross e Crozier mantinham-se ligeiramente separados dos outros, a beber e a conversar suavemente como conspiradores.

Aquele maldito Sir George Back; Franklin detestara partilhar o título com um mero guarda-marinha que fora em tempos seu subalterno, e um mulherengo, ainda por cima. Naquela noite de gala, o comandante Sir John Franklin quase desejara que Hepburn não tivesse tirado a pólvora e as balas daquelas pistolas do duelo vinte anos antes. Back era o membro mais novo do Conselho Ártico e parecia mais feliz e emproado do que qualquer um dos outros, mesmo depois de sofrer o quase afundamento do HMS *Terror*.

O comandante Sir John Franklin era abstémio, mas, passadas três horas de champanhe, *brandy*, vinho, xerez e uísque, os outros homens começaram a descontraír, os risos à sua volta tornavam-se mais fortes e a conversa no grande salão menos formal, e Franklin começou a sentir-se mais calmo,

percebendo que toda aquela recepção, todos os botões de ouro, gravatas de seda, dragonas cintilantes, boa comida, charutos e sorrisos eram para *ele*. Desta vez, eram só para *ele*.

Por isso, foi um choque quando o Ross mais velho o chamou de parte quase bruscamente e começou a ladrar-lhe perguntas no meio do fumo do charuto e o brilho das luzes entre os cristais.

— Franklin, por que diabo vai levar cento e trinta e quatro homens? — raspou a pedra arenosa pela madeira áspera.

O comandante Sir John Franklin pestanejou.

— É uma expedição grande, Sir John.

— Demasiado grande, se quer a minha opinião. Já é suficientemente difícil fazer trinta homens atravessarem o gelo e voltarem para a civilização quando alguma coisa corre mal. Cento e trinta e quatro homens... — O velho explorador fez um ruído grosseiro, limpando a garganta como se fosse cuspir.

Franklin sorriu e anuiu, desejando que o velho o deixasse em paz.

— E com a sua idade — continuou Ross. — Tem sessenta anos, pelo amor de Deus.

— Cinquenta e nove — disse Franklin rigidamente. — Senhor.

O Ross mais velho sorriu debilmente, mas parecia-se mais com um icebergue do que nunca.

— O *Terror* tem o quê? Trezentas e trinta toneladas? O *Erebus*, qualquer coisa como trezentas e setenta?

— Trezentas e setenta e dois tem o meu navio-almirante — disse Franklin. — O *Terror* tem trezentos e vinte e seis.

— E um calado de dezanove pés cada, não é verdade?

— Sim, senhor.

— Isso é completamente disparatado, Franklin. Os seus navios serão os navios com o calado mais profundo alguma vez enviados para uma expedição no ártico. Tudo o que sabemos sobre essas regiões mostrou-nos que as águas para onde vai são superficiais, cheias de baixios, rochas e gelo escondido. O meu *Victory* só tinha braça e meia e não conseguimos chegar à barra do porto onde passámos o inverno. O George Back quase esgarçou o rabo no gelo com o seu *Terror*.

— Ambos os navios foram fortalecidos, Sir John — disse Franklin. Sentia a transpiração a descer-lhe pelas costelas e o peito até à barriga majestosa. — São agora os navios de gelo mais fortes do mundo.

— E que disparate é esse de vapor e motores de locomotiva?

— Não é um disparate, senhor — disse Franklin, e conseguiu ouvir a condescendência na própria voz. Também não percebia nada de vapor, mas tinha dois bons oficiais maquinistas na expedição e também Fitzjames, que

era parte da nova Marinha a Vapor. — São máquinas poderosas, Sir John. Vão fazer-nos atravessar o gelo onde a vela falhou.

Sir John soltou um ronco de desdém.

— As suas máquinas a vapor nem sequer são engenhos marítimos, pois não, Franklin?

— Não, Sir John. Mas são os melhores motores a vapor que a *London and Greenwich Railway* nos puderam vender. Convertidos para uso marítimo. Poderosas bestas, senhor.

Ross bebeu um gole do seu uísque.

— Poderosas se estiver a planear montar carris ao longo da Passagem de Noroeste e levar a porra de uma locomotiva para a atravessar.

Franklin riu desportivamente com isto, mas não viu qualquer graça no comentário e a obscenidade ofendeu-o profundamente. Muitas vezes não conseguia perceber quando os outros estavam a brincar, e não tinha pessoalmente qualquer sentido de humor.

— Mas não tão poderosas assim — continuou Ross. — Aquela máquina de tonelada e meia que enfiaram no porão do seu *Erebus* só produz vinte e cinco cavalos de vapor. O motor de Crozier é menos eficiente... vinte cavalos, no máximo. O navio que o vai rebocar para lá desde a Escócia, o *Rattler*, produz duzentos e vinte cavalos de vapor com a sua máquina a vapor mais pequena. É uma máquina *marinha*, construída para o mar.

Franklin não tinha nada para responder a isto, por isso sorriu. Para preencher o silêncio, fez sinal a um empregado de passagem com copos de champanhe. Depois, uma vez que era contra todos os seus princípios beber álcool, a única coisa que podia fazer era ficar ali de copo na mão, olhando ocasionalmente o champanhe que perdia a força e esperar uma oportunidade de se livrar dele sem ninguém reparar.

— Pense em todas as provisões a mais que poderia ter enfiado nos porões dos seus dois navios se aqueles malditos motores não estivessem ali — insistiu Ross.

Franklin olhou em volta como que em busca de socorro, mas toda a gente estava em animada conversa com outra pessoa.

— Temos provisões mais do que adequadas para três anos, Sir John — disse por fim. — Para cinco a sete, se tivermos de racionar. — Sorriu novamente, tentando seduzir aquela cara insensível. — E quer o *Erebus* quer o *Terror* têm aquecimento central, Sir John. Uma coisa que estou certo teria apreciado no seu *Victory*.

Os olhos pálidos de Sir John Ross cintilaram friamente.

— O *Victory* foi esmagado como um ovo pelo gelo, Franklin. Acha que o aquecimento a vapor teria evitado isso?

Franklin olhou em volta, tentando captar o olhar de Fitzjames. Até o

de Crozier. Qualquer pessoa que viesse em seu socorro. Ninguém parecia reparar no idoso Sir John e no gordo Sir John ali juntos numa conversa tão intensa, mas unilateral. Passou um criado e Franklin depositou o seu copo intocado no tabuleiro. Ross estudou Franklin por entre os olhos semicerrados.

— E quanto carvão será necessário só para aquecer um dos seus navios por um dia lá em cima? — persistiu o velho escocês.

— Oh, não sei, Sir John — disse Franklin com um sorriso insinuante. E realmente *não sabia*. Nem estava particularmente interessado. Os oficiais maquinistas estavam encarregados das máquinas a vapor e do carvão. O almirantado teria planeado bem as coisas.

— Mas *eu sei* — disse Ross. — Vai usar setenta quilos de carvão por dia só para manter a água quente em movimento para aquecer os alojamentos da tripulação. Meia *tonelada* do seu precioso carvão só para manter a água quente. Se estiver a andar, e espere uns quatro nós naquelas feias lanchas bombardeiras, vai queimar duas ou três *toneladas* de carvão por dia. Muito mais se estiver a tentar forçar o caminho pelo gelo. Quanto carvão é que vai *levar*, Franklin?

O comandante Sir John acenou com a mão no que ele percebeu ser um gesto depreciativo — e quase efeminado.

— Oh, qualquer coisa por volta das duzentas toneladas, senhor.

Ross semicerrou novamente os olhos.

— Noventa toneladas para cada, para o *Erebus* e para o *Terror*, para ser mais preciso — disse ele com a voz áspera. — E isso é quando carregar na Gronelândia, antes de atravessar a baía de Baffin, quanto mais o gelo a sério.

Franklin sorriu e não disse nada.

— Digamos que chega ao sítio onde passará o inverno no gelo com setenta e cinco por cento das suas noventa toneladas por queimar — continuou Ross, furando em frente como um navio por entre gelo macio —, isso deixa-lhe o quê... quantos dias de vapor sob condições normais, não condições de gelo? Uma dúzia de dias? Treze dias? Quinze dias?

O comandante Sir John Franklin não fazia a mínima ideia. A sua mente, embora profissional e náutica, não funcionava dessa maneira. Talvez os seus olhos tivessem revelado o seu súbito pânico — não por causa do carvão, mas por parecer um idiota na frente de Sir John Ross — pois o velho marinheiro agarrou o ombro de Franklin com uma mão de aço. Quando Ross se inclinou sobre o seu ouvido, o comandante Sir John Franklin sentiu o cheiro a uísque no seu hálito.

— Quais são os planos do almirantado para o seu salvamento, Franklin? — disse Ross. Falava em voz era baixa. À sua volta havia o riso e as conversas da receção.

— Salvamento? — disse Franklin, a pestanejar. A ideia de os dois navios mais modernos do mundo, reforçados para o gelo, alimentados a vapor, abastecidos para cinco anos ou mais no gelo, e tripulados por homens escolhidos a dedo por Sir John Barrow pudessem necessitar de salvamento simplesmente não cabia na mente de Franklin. A ideia era absurda.

— Tem planos para esconder depósitos ao longo do caminho por entre as ilhas? — sussurrou Ross.

— Depósitos? — disse Franklin. — Deixar as nossas provisões pelo caminho? Porque haveria de fazer isso?

— Para poder conduzir os seus homens à comida e ao abrigo se tiver de voltar a pé — disse Ross ferozmente, de olhos a cintilar.

— Porque haveríamos de voltar a pé para a baía de Baffin? — perguntou Franklin. — O nosso objetivo é completar o trânsito da Passagem de Noroeste.

Sir John Ross tinha inclinado a cabeça para trás. A sua mão apertou-se mais no antebraço de Franklin.

— Então não há nenhum navio ou plano de salvamento organizado?

— Não.

Ross agarrou no outro braço de Franklin e apertou-o com tanta força que o corpulento comandante Sir John quase se encolheu.

— Então, rapazinho — sussurrou Ross —, se não tivermos notícias suas por 1848, vou eu pessoalmente à sua procura. Juro.

Franklin acordou de repente.

Estava encharcado em suor. Sentia-se com tonturas e fraco. O seu coração batia com força e, a cada reverberação, a dor que sentia na cabeça vibrava como o sino de uma igreja contra o interior do seu crânio.

Baixou o olhar para o seu corpo, horrorizado. Viu a seda que lhe cobria a parte inferior do corpo.

— O que é isto? — gritou, alarmado. — O que é isto? Tenho uma bandeira por cima de mim!

A senhora Jane levantou-se, aterrada.

— Parecia estar com frio, John. Estava a tremer. Pula em cima de si para lhe servir de cobertor.

— Meu Deus! — exclamou o comandante Sir John Franklin. — Meu Deus, mulher, não sabe o que fez? Não sabe que depositam a bandeira de Inglaterra por cima dos cadáveres?

CROZIER

*Lat. 70°-05'N, Long. 98°-23'W.
Outubro, 1847*

O comandante Crozier desce a curta escada para a primeira coberta, empurra as portas duplas seladas e quase vacila perante o súbito golpe de calor. Apesar de o aquecimento por circulação de água quente ter sido desligado há horas, o calor corporal de cinquenta homens e o calor residual da cozinha mantiveram alta a temperatura na primeira coberta — um pouco abaixo do ponto de congelação — quase 40 graus mais quente do que no exterior. O efeito sobre alguém que estivera lá fora no convés durante meia hora era o equivalente a entrar numa sauna completamente vestido.

Uma vez que vai continuar a descer para o bailéu e para o porão, que não são aquecidos, Crozier não se quis demorar muito ali no calor. Mas faz uma pausa por um momento — como qualquer comandante faria — para olhar em volta e verificar se não foi tudo para o inferno na meia hora que esteve fora.

Apesar do facto de ser aquela a única coberta onde se dorme, come e vive no navio, ainda está escuro como numa mina galesa, com as pequenas escotilhas cobertas de neve e a noite agora de vinte e duas horas de duração. Lamparinas de óleo de baleia, lanternas ou velas lançam pequenos cones de iluminação aqui e ali, mas, de uma forma geral, os homens movem-se de memória por entre a escuridão, recordando onde devem esquivar-se das inúmeras pilhas na coberta e dos volumes de comida, roupa e equipamento pendurados e de outros homens a dormir nas suas redes. Quando todas as redes estão montadas — são permitidos trinta e cinco centímetros por

homem — não haverá espaço para se passar de todo exceto pelas duas coxias de 45 centímetros ao longo do casco de cada lado. Mas apenas umas poucas redes estão agora montadas — as dos homens que dormem um pouco antes dos quartos — e o ruído das conversas, risos, pragas, tosse e as inspiradas obscenidades do senhor Diggle é suficientemente sonoro para abafar o da pressão e gemidos do gelo.

Os diagramas do navio mostram dois metros de altura naquele local, mas, na realidade, entre as pesadas vigas do navio e as toneladas de lenha e madeira adicional arrumada em prateleiras que pendem dessas vigas, há menos de um metro e oitenta de altura naquela primeira coberta e os poucos homens verdadeiramente altos no *Terror*, como o covarde Manson à espera em baixo, têm de caminhar numa postura perpetuamente encurvada. Francis Crozier não é assim tão alto. Mesmo com o gorro e o abafo, não tem de baixar a cabeça quando anda.

À sua direita e virado à popa vê-se o que parece ser um túnel baixo, escuro e apertado, mas é na verdade o corredor que conduz aos «alojamentos dos oficiais», uma coelheira de dezasseis minúsculos cubículos e duas estreitas messes para os oficiais e os graduados. O camarote de Crozier é do mesmo tamanho do dos outros — um metro e oitenta por um metro e meio. O corredor é escuro e tem uns sessenta centímetros de largura. Apenas um homem consegue passar de cada vez, curvando a cabeça para evitar materiais pendurados, e os homens pesados têm de se virar de lado para se espremerem pela estreita passagem.

Os alojamentos dos oficiais são enfiados em dezoito dos trinta metros de comprimento do navio, e uma vez que o *Terror* tem apenas oito metros e meio de boca ali na primeira coberta, o estreito corredor é a único acesso em linha reta à popa.

Crozier consegue ver luz a sair da câmara de oficiais na popa, onde — mesmo com aquele frio estígio e o escuro — alguns dos seus oficiais sobreviventes estão a descontraír à longa mesa, a fumar os seus cachimbos ou a ler algum dos 1200 volumes da biblioteca ali armazenada. O comandante ouve música a tocar: um dos discos de metal do realejo a tocar uma canção que fora popular nos salões de Londres cinco anos antes. Crozier sabe que é o tenente Hodgson que toca a música; é a sua preferida, e deixa o tenente Edward Little, o seu primeiro-tenente, absolutamente louco de irritação.

Estando aparentemente tudo bem na região dos oficiais, Crozier vira-se e olha em frente. Os aposentos da tripulação ocupam o terço restante do comprimento do navio — 10 metros — mas ficam ali apinhados os 41 marinheiros e guarda-marinhas sobreviventes da lista inicial de 44.

Não há nenhuma aula nessa noite e falta menos de uma hora até eles montarem as redes e deitarem-se, por isso a maioria dos homens está senta-

da nas suas arcas ou em montes de material, a fumar ou a conversar à fraca luz. O centro do espaço está ocupado pelo gigantesco fogão *Frazer's Patent*, onde Diggle está a cozer biscoitos. Diggle — o melhor cozinheiro da armada, na opinião de Crozier, e literalmente um troféu, uma vez que Crozier o roubara ao navio-almirante do comandante Sir John Franklin mesmo antes da partida da expedição — está sempre a cozinhar, normalmente biscoitos, e pragueja e bate e pontapeia e repreende os seus ajudantes ao mesmo tempo. Os homens correm à volta do fogão, desaparecendo debaixo do alçapão para ir buscar provisões às cobertas inferiores, apressando-se para evitar a volúvel ira de Diggle.

O fogão da *Frazer's Patent* em si parece, ao olhar de Crozier, quase tão grande como o motor de locomotiva no porão. Para além do gigantesco forno e seis grandes queimadores, a volumosa engenhoca de ferro tem ainda uma dessalinizadora e uma prodigiosa bomba manual para puxar água quer do oceano quer das fileiras de enormes tanques de água no porão. Mas tanto o mar lá fora quer a água no porão estão agora congelados, por isso os enormes potes a borbulhar nos queimadores de Diggle estão ocupados a derreter pedaços de gelo cortados dos tanques em baixo e içados para cima para esse propósito.

O comandante vê dali, para lá da divisória criada pelas prateleiras e louceiros de Diggle, a enfermaria no esporão do navio. Durante dois anos não houvera enfermaria. A área estava pejada de cima a baixo com mais arcas e barris e aqueles membros da tripulação que precisavam de consultar o cirurgião ou o assistente de cirurgião tinham de o fazer perto do fogão de Diggle. Mas agora, com a quantidade de depósitos vazios e o número de homens doentes e feridos a multiplicar-se, os carpinteiros tinham criado uma secção mais permanente e separada do esporão para servir de alojamento de doentes. Ainda assim, o comandante conseguia ver a entrada em forma de túnel por entre as arcas onde tinham arranjado um espaço para a senhora Silêncio dormir.

Aquela discussão ocupara quase um dia inteiro em junho — Franklin não permitira que a mulher esquimó fosse admitida no seu navio. Crozier aceitara-a, mas a discussão com o seu primeiro-tenente, Little, a respeito do local onde poderiam acomodá-la quase fora absurda. Todos sabiam que até uma rapariga esquimó morreria congelada no convés ou nas cobertas inferiores, o que deixava apenas a primeira coberta. Ela não podia certamente dormir na zona de dormir da tripulação, ainda que por essa altura houvesse já redes vazias graças àquela coisa lá fora no gelo.

Nos tempos em que Crozier era adolescente, como marinheiro e depois como guarda-marinha, as mulheres que entravam clandestinamente a bordo eram postas no escuro e abafado e fedorento paiol da amarra, na

parte mais baixa e mais avançada do navio, ao alcance do castelo da proa para o homem ou homens sortudos que a tinham introduzido a bordo. Mas, mesmo em junho, quando Silêncio aparecera, estavam uns vinte graus negativos no paiol da amarra do HMS *Terror*.

Não, pô-la a dormir com a tripulação não era ideia a ser considerada.

Região dos oficiais? Talvez. Havia camarotes vazios, com alguns dos seus oficiais mortos e despedaçados. Mas tanto o tenente Little como o seu comandante tinham rapidamente concordado que a presença de uma mulher a umas finas portas corrediças de distância dos homens adormecidos seria pouco saudável.

E agora? Não lhe podiam atribuir um espaço para dormir e depois postar um homem armado à porta para a guardar a toda a hora.

Fora Edward Little que tivera a ideia de arrastar alguns depósitos e criar uma pequena caverna que servisse de área de dormir para a mulher no esporão, onde teria sido a enfermaria. A única pessoa acordada toda a noite, todas as noites, era o senhor Diggle — atarefado a fazer os seus biscoitos e a fritar as suas carnes para o pequeno-almoço — e, se Diggle alguma vez ligara às senhoras, parecia que esse tempo já passara há muito. Para além disso, raciocinaram o tenente Little e o comandante Crozier, a proximidade do fogão *Frazer's Patent* ajudaria a manter quente a sua hóspede.

E nisso tinham sido bem sucedidos, de facto. A senhora Silêncio ficara enjoada com o calor, o que a forçava a dormir completamente nua entre as suas peles na sua pequena caverna de arcas e barris. O comandante descobrira isto por acaso e a imagem ficara gravada na sua mente.

Agora Crozier tira uma lanterna do seu gancho, acende-a, ergue a escotilha e desce a escada para o bailéu antes de começar a derreter como um daqueles blocos de gelo no fogão.

Dizer que está frio no bailéu seria o tipo de eufemismo que Crozier se lembrava de proferir antes de viajar pela primeira vez para o ártico. Uma descida de um metro e oitenta de escadas desde a primeira coberta fez cair a temperatura pelo menos uns trinta graus. A escuridão ali é quase absoluta.

Crozier gasta o usual minuto para olhar em volta. O círculo de luz da sua lanterna é fraco, iluminando principalmente o nevoeiro do seu hálito no ar. À sua volta está o labirinto de grades, tonéis, latas, barricadas, sacas de carvão e montes cobertos de lona cheios com o que resta das provisões do navio. Mesmo sem a lanterna, Crozier conseguiria encontrar o caminho no meio da escuridão e dos guinchos das ratazanas; conhece cada centímetro do seu navio. Por vezes, especialmente no mais profundo da noite, com o gelo a gemer, Francis Rawdon Moira Crozier percebe que o HMS *Terror* é a sua esposa, mãe, noiva e puta. Este íntimo conhecimento de uma mulher feita de carvalho e ferro, estopa de calafate e lastro, lona e bronze é o úni-

co verdadeiro casamento que ele pode conhecer e alguma vez conhecerá. Como poderia ter pensado de maneira diferente com Sophia?

Noutras ocasiões, mais tarde ainda na noite, quando o gemido do gelo se transforma em gritos, Crozier pensa que o navio se tornou a sua mente e o seu corpo. Lá fora — para lá das cobertas e do casco — jaz a morte. O frio eterno. Ali dentro, mesmo enquanto encurralados pelo gelo, continua o bater dos corações, por mais fracos que estejam, ou o calor, e a conversa, e o movimento, e a sanidade.

Mas penetrar mais fundo no interior do navio, apercebe-se Crozier, é como fazer uma viagem demasiado profunda no corpo ou na mente de uma pessoa. O que se vai encontrar pode não ser agradável. O bailéu é o estômago. É ali que a comida e os recursos necessários estão armazenados, cada coisa arrumada na ordem da sua presumível necessidade, fácil de encontrar por aqueles que são mandados lá abaixo pelos gritos e apitos do senhor Diggle. Mais em baixo, no porão, para onde ele se dirige agora, são os intestinos e os rins, os tanques de água e a maioria do carvão e mais provisões. Mas é a analogia da mente que mais incomoda Crozier. Assombrado e perseguido pela melancolia durante grande parte da sua vida, sabendo que ela é uma fraqueza secreta tornada pior pelos seus doze invernos na escuridão ártica, sentindo-a recentemente transformada em ativo sofrimento pela rejeição de Sophia Cracroft, Crozier pensa na primeira coberta, apenas parcialmente iluminada e ocasionalmente aquecida mas habitável, como a parte sã de si mesmo. O taciturno mundo inferior do bailéu é onde ele passa demasiado do seu tempo, nestes dias — a ouvir o gelo gritar, à espera que todas as juntas expludam com o frio. O porão em baixo, com os seus terríveis cheiros e o seu paiol dos mortos à espera, é a loucura.

Crozier afasta aqueles pensamentos. Olha o corredor do bailéu, que segue em frente no meio dos barris e das grades. O brilho da lanterna é bloqueado pelas anteparas do paiol do pão e os corredores de ambos os lados são túneis ainda mais apertados do que o da zona dos oficiais na primeira coberta. Ali os homens têm de se espremer entre o paiol do pão e as últimas sacas de carvão do *Terror*. O paiol do carpinteiro é ali na parte dianteira a estibordo, a do mestre, em frente a bombordo.

Crozier vira-se e aponta a sua lanterna à popa. Algumas ratazanas fogem letargicamente da luz, desaparecendo entre barricadas de carne salgada e grades de provisões enlatadas.

Mesmo ao brilho desmaiado da lanterna, o comandante consegue ver que o cadeado do paiol da bebida está fechado. Todos os dias, um dos oficiais de Crozier desce ali para ir buscar a quantidade de rum necessária para a ração de grogue do dia — um quarto de pinto de rum a setenta graus para três quartos de água. É também nesse paiol que estão armazenados o

vinho e o *brandy* para os oficiais, bem como duas centenas de mosquetes, alfanges e espadas. Como sempre aconteceu na Marinha Real, há alçapões que dão diretamente da messe dos oficiais e do camarote do comandante para o paiol da bebida. Se houvesse um motim, os oficiais seriam os primeiros a chegar às armas.

Atrás do paiol da bebida fica a escotaria, com as suas barricas de pólvora e cartuchos. De cada lado do paiol da bebida há vários espaços de armazenagem, incluindo arrecadações para os cabos; o paiol do pano, com toda a sua lona fria; e o paiol da roupa, onde o senhor Helpman, o comissário do navio, arruma os agasalhos para o exterior da tripulação.

Atrás do paiol da bebida e da escotaria fica o paiol do comandante, onde estão guardados os bens privados — e pessoalmente pagos — do comandante: presuntos, queijos e outros luxos. É ainda costume que o comandante do navio ponha de vez em quando uma mesa para os seus oficiais, e enquanto as virtualhas no paiol de Crozier empalidecem em comparação com os luxuosos géneros alimentícios amontoados no paiol privado do falecido comandante Sir John Franklin no *Erebus*, a despensa de Crozier — agora quase vazia — aguentou dois verões e dois invernos no gelo. Além disso, pensa ele com um sorriso, tem a vantagem de conter uma adega de vinho decente de onde os oficiais ainda beneficiam. E muitas garrafas do uísque de que ele, o comandante, depende. O pobre comandante, tenentes e oficiais civis a bordo do *Erebus* tinham estado sem álcool durante dois anos. Sir John Franklin era abstémio e também o fora, quando ele estava vivo, a messe dos seus oficiais.

Uma lanterna avança para Crozier a balançar pelo estreito corredor que vem da proa. O comandante vira-se a tempo de ver qualquer coisa como um cabeludo urso negro a espremer o seu corpanzil entre as sacas de carvão e a antepara do paiol do pão.

— Senhor Wilson — diz Crozier, reconhecendo o ajudante de carpinteiro pela sua rotunda figura e pelas luvas de pele de foca e calças de pele de veado que tinham sido oferecidas a todos os homens antes da partida mas que apenas alguns preferiam em detrimento das roupas de flanela e lã. A certa altura durante a viagem, o ajudante cosera peles de lobo que tinham arranjado no posto baleeiro dinamarquês na baía de Disko para formar um vestuário exterior volumoso mas que ele insistia ser muito quente.

— Comandante. — Wilson, um dos homens mais gordos a bordo, traz a lanterna numa mão e várias caixas de ferramentas de carpinteiro enfiadas debaixo do outro braço.

— Senhor Wilson, dê os meus cumprimentos ao senhor Honey e peça-lhe que venha ter comigo ao porão.

— Sim, senhor. Onde no porão, senhor?

— O paiol dos mortos, senhor Wilson.

— Sim, senhor. — A luz da lanterna reflete-se no olhos de Wilson quando o ajudante mantém o seu olhar curioso apenas um segundo a mais.

— E peça ao senhor Honey que traga um pé de cabra, senhor Wilson.

— Sim, senhor.

Crozier desvia-se, encostando-se a dois barris para deixar o homem maior passar para a escada para a primeira coberta. O comandante sabe que pode estar a fazer levantar o seu carpinteiro para nada — obrigando o homem a dar-se ao trabalho de vestir as roupas do frio mesmo antes de se apagarem as luzes por nenhuma boa razão — mas tem um palpite e prefere incomodar o homem agora do que mais tarde.

Quando Wilson tinha passado o seu volume pela escotilha superior, o comandante Crozier ergueu a inferior e desceu para o porão.

Porque todo o espaço daquela coberta jaz abaixo do nível do gelo exterior, o porão está quase tão frio como o estranho mundo do outro lado do casco. E mais escuro, sem aurora, nem estrelas, nem lua para aliviar o sempre presente negrume. O ar é denso do pó do carvão e do fumo do carvão — Crozier vê as partículas pretas que se movem em espiral em volta da sua lanterna sibilante como uma unha de bruxa — e fede a esgoto e a imundícies de porão. Ouve-se qualquer coisa a raspar, resvalar, roçar na escuridão à popa, mas Crozier sabe que é apenas o carvão a ser apanhado à pazada na sala da caldeira. Apenas o calor residual dessa caldeira impede que os oito centímetros de água suja aos pés das escadas se transformem em gelo. Na frente, onde a proa mergulha mais fundo no gelo, há quase trinta centímetros de água gelada, apesar de os homens trabalharem nas bombas seis horas ou mais por dia. O *Terror*, como qualquer coisa viva, expira humidade através de uma série de funções vitais, incluindo o forno sempre a funcionar do senhor Diggle, e enquanto a primeira coberta está sempre húmida e orlada de gelo e a segunda está congelada, o porão é uma masmorra com gelo a pender de cada viga e água a chafurdar acima dos tornozelos de um homem. As negras paredes chatas dos vinte e um tanques de ferro com água aumentam ainda a frialdade. Cheios com trinta e oito toneladas de água doce quando a expedição partira, são agora icebergues blindados, e tocar no ferro significa perder a pele.

Magnus Manson está à espera ao fundo da escada, como dissera o soldado Wilkes, mas o enorme marinheiro está de pé, não sentado de rabo-no-degrau. A cabeça e ombros do homenzarrão estão curvados sob as vigas baixas. O seu rosto pálido e enrugado e maxilares hirsutos lembram a Crozier uma batata podre descascada debaixo de uma peruca galesa. Ele não olha o comandante nos olhos sob a crua luz da lanterna.

— O que é que se passa, Manson? — A voz de Crozier não contém a rispidez que ele soltou sobre o seu vigia e tenente. O seu tom é monocórdico, calmo, seguro, com o poder do açoitado e da força atrás de cada sílaba.

— São esses fantasmas, 'nhor c'mandante. — Para um homem tão grande, Magnus Manson tem a voz aguda e suave de uma criança. Quando o *Terror* e o *Erebus* pararam na baía de Disko, na costa oeste da Gronelândia, em julho de 1845, o comandante Sir John Franklin julgara adequado dispensar dois homens da expedição — um soldado da marinha e um mestre de velas do *Terror*. Crozier recomendara que o marinheiro John Brown e o soldado Aitken do seu navio fossem também despedidos — eram pouco melhores que inválidos e nunca deviam ter sido alistados para uma tal viagem — mas, de vez em quando, desejava ter mandado Manson para casa com os outros quatro. Se o homenzarrão não era de espírito fraco, estava tão perto disso que era impossível perceber a diferença.

— Sabe que não há fantasmas no *Terror*, Manson.

— Sim, c'mandante.

— *Olhe* para mim.

Manson ergue a face mas não olha Crozier nos olhos. O comandante espanta-se com o tamanho minúsculo dos olhos pálidos do homem naquela cara branca e inchada.

— Desobedeceu às ordens do senhor Thompson de carregar os sacos de carvão para a sala da caldeira, marinheiro Manson?

— Não, senhor. Sim, senhor.

— Sabe quais são as consequências de se desobedecer a qualquer ordem neste navio? — Crozier sente que está a conversar com um miúdo, embora Manson deva ter pelo menos trinta anos.

A grande cara do marinheiro ilumina-se quando ele é confrontado com uma pergunta a que consegue responder corretamente.

— Oh, sim, c'mandante. Açoitado, senhor. Vinte chicotadas. Cem chicotadas se desobedecer mais do que uma vez. 'Forcamento se desobedecer a um oficial a sério que não seja só o senhor Thompson.

— Correto — diz Crozier —, mas sabia que o comandante também pode infligir qualquer punição que julgue apropriada para a transgressão?

Manson olha para ele, com confusão nos seus olhos pálidos. Não tinha compreendido a pergunta.

— Eu estou a dizer que o posso castigar de qualquer maneira que me pareça apropriada, marinheiro Manson — diz o comandante.

Uma vaga de alívio inunda a cara inchada.

— Oh, sim, pois é, 'nhor c'mandante.

— Em vez de vinte chicotadas — diz Francis Crozier —, posso mandá-lo trancar no paiol dos mortos durante vinte horas às escuras.

As feições de Manson, já de si pálidas e imóveis, perdem tanto sangue que Crozier se prepara para se desviar se o grande homem desmaiar.

— Não... não ia fazer isso... — A voz do homem-criança treme num *vibrato*.

Crozier não diz nada por um longo e frio momento. Só se ouve a lanterna a sibilar. Ele deixa que o marinheiro leia a sua expressão. Finalmente, diz:

— O que é que acha que está a ouvir, Manson? Andou alguém a contar-lhe histórias de fantasmas?

Manson abre a boca, mas parece ter dificuldade em decidir a que pergunta responder primeiro. Forma-se gelo no seu gordo lábio superior.

— Walker — diz por fim.

— Tem medo do Walker?

James Walker, um amigo de Manson que tinha por volta da mesma idade que o idiota e não era muito mais esperto, fora o último homem a morrer no gelo, apenas uma semana antes. As regras do navio obrigavam a que a tripulação cavasse uns estreitos buracos no gelo perto do navio, mesmo quando o gelo tinha três ou quatro metros de espessura, como agora, para que pudessem chegar à água caso irrompesse um incêndio a bordo. Walker e dois dos seus companheiros estavam num desses turnos de perfuração no escuro, a reabrir um velho buraco que congelaria em menos de uma hora a menos que martelado com espigões de metal. O terror branco saíra de trás de uma saliência formada pela pressão, arrancara o braço do marinheiro e esmagara-lhe as costelas num instante, desaparecendo antes que os homens armados no convés conseguissem sequer erguer as suas armas.

— O Walker contou-lhe histórias de fantasmas? — pergunta Crozier.

— Sim, c'mandante. Não, c'mandante. O que o Jimmy fez foi... ele disse-me na noite antes d'á coisa o matar, ele disse-me, «Magnus, s'aquele filh'dum inferno m'apanhar», disse ele, «eu volto c'os meus panos brancos p'ra te segredar ao ouvido se o inferno é frio.» Juro, c'mandante, foi o que o Jimmy me disse. Agora 'tou a ouvi-lo tentar sair.

Como que esperasse a dica, o casco lamenta-se, o frígido chão geme debaixo dos seus pés, os suportes das vigas choram também em solidariedade, e há um barulho de arranhar e raspar no escuro à sua volta que parece percorrer a extensão do navio. O gelo é turbulento.

— É esse som que ouve, Manson?

— Sim, c'mandante. Não, c'mandante.

O paiol dos mortos fica uns metros à ré do lado estibordo, mesmo atrás do último dos queixosos tanques de ferro com água, mas, quando o gelo no exterior para de fazer barulho, Crozier apenas consegue ouvir o ruído abafado das pás na sala da caldeira mais à ré.

Crozier estava farto daquele disparate.

— Sabe que o seu amigo não vai voltar, Magnus. Ele está no paiol do pano, bem preso na sua própria rede com os outros homens mortos, completamente congelados, com três camadas da nossa lona mais pesada atada à volta deles. Se ouvir alguma coisa desses lados, é do raio das ratazanas que os tentam apanhar. O senhor sabe isto, Magnus Manson.

— Sim, c'mandante.

— Não quero desobediência às ordens neste navio, marinheiro Manson. Tem de se decidir. Leva o carvão quando o senhor Thompson lho ordenar. Vai buscar comida quando o senhor Diggle lho manda. Obedece a todas as ordens e educadamente. Ou terá de enfrentar julgamento... enfrentar-me a mim... e a possibilidade de passar um noite bem fria e escura no paiol dos mortos.

Sem mais uma palavra, Manson baixa a cabeça numa saudação, ergue uma enorme saca de carvão de onde a deixara na escada e leva-a para a escuridão da ré.

O maquinista-chefe, despido até à camisola interior de mangas compridas e calças de bombazina, apanha carvão com a pá ao lado do velho fogueiro de 47 anos chamado Bill Johnson. O outro fogueiro, Luke Smith, está a dormir na primeira coberta entre as suas horas de trabalho. O principal fogueiro do *Terror*, o jovem John Torrington, foi o primeiro homem da expedição a morrer, no dia de Ano Novo de 1846. Mas esse morreria de causas naturais. Parece que o médico de Torrington instara com o seu paciente de 19 anos a ir para o mar para curar a sua tísica, e ele sucumbira após dois meses de invalidez enquanto os navios estavam presos no gelo no porto da ilha de Beechey, naquele primeiro inverno. Os doutores Peddie e McDonald tinham dito a Crozier que os pulmões do rapaz estavam tão solidamente atulhados de pó do carvão como os bolsos de um limpa-chaminés.

— Obrigado, comandante — diz o jovem maquinista-chefe entre dois arremessos da pá. O marinheiro Manson acabara de deixar uma segunda saca de carvão e voltara para ir buscar a terceira.

— De nada, senhor Thompson. — Crozier olha de relance para o fogueiro Johnson. O homem é quatro anos mais novo do que o comandante, mas parece trinta anos mais velho. Cada linha e ruga no seu rosto moldado pela idade estão debruadas a carvão negro e fuligem. Até as suas gengivas sem dentes são de um cinzento enfarruscado. Crozier não quer repreender o seu maquinista, que é um oficial, ainda que civil, na frente do fogueiro, mas diz: — Presumo que podemos evitar usar os fuzileiros navais como

mensageiros, caso surja uma situação semelhante no futuro, o que eu muito duvido.

Thompson faz um sinal de assentimento, usa a pá para fechar a grade de ferro da caldeira, apoia-se na ferramenta e diz a Johnson para ir lá acima pedir café ao senhor Diggle. Crozier fica contente por o fogueiro se ir embora, mas ainda mais feliz por a grade estar fechada; o calor ali deixa-o ligeiramente nauseado, depois do frio por todo o lado.

O comandante tem de se maravilhar com o destino do seu maquinista-chefe. O graduado James Thompson, maquinista-chefe, formado na fábrica da Marinha em Woolwich — o melhor terreno de treino para a nova geração de engenheiros da propulsão a vapor — está ali despido até à sua imunda camisola interior, a ensacar carvão como um vulgar fogueiro num navio preso no gelo que não se moveu um centímetro sob o seu próprio poder há mais de um ano.

— Senhor Thompson — diz Crozier. — Peço desculpa por não ter tido oportunidade de conversar consigo hoje desde que foi ao *Erebus*. Conseguiu conferenciar com o senhor Gregory?

John Gregory é o maquinista-chefe a bordo do navio-almirante.

— Consegui, comandante. Gregory está convencido de que, com a chegada do verdadeiro inverno, nunca conseguirão chegar ao eixo do motor avariado. Mesmo que fossem capazes de escavar um túnel pelo gelo para substituir o último propulsor com o que improvisaram, com o eixo do motor substituto tão torcido como está, o *Erebus* não vai a lado nenhum com o vapor.

Crozier fez um sinal de assentimento. O *Erebus* dobrara o seu segundo eixo do motor enquanto o navio se atirava desesperadamente contra o gelo há mais de um ano. O navio-almirante — mais pesado, com um motor mais poderoso — ia na frente por entre a banquisa naquele verão, a abrir caminho para ambos os navios. Mas o derradeiro gelo que tinham encontrado antes de ficarem presos pelos últimos treze meses era mais duro do que o ferro da hélice e do eixo do propulsor. Os mergulhadores nesse verão — que tinham sofrido queimaduras pelo gelo e ficado perto da morte — tinham confirmado que não só a hélice se despedaçara como o próprio propulsor estava torcido e partido.

— Carvão? — diz o comandante.

— O *Erebus* tem o suficiente para... talvez... quatro meses de aquecimento no gelo, com apenas uma hora de circulação de água quente na primeira cobertura por dia, comandante. Nenhum para o vapor no próximo verão.

Se estivermos livres no próximo verão, pensa Crozier. Depois deste último verão, quando o gelo nunca cedeu por um único dia, ele é um pessimis-

ta. Franklin gastara as provisões de carvão do *Erebus* a uma velocidade prodigiosa, durante aquelas últimas semanas de liberdade no verão de 1846, seguro de que, se conseguisse passar por aquelas últimas milhas de gelo, a expedição chegaria às águas abertas da Passagem do Noroeste ao longo da costa norte do Canadá e estariam a beber chá na China no final do outono.

— E o *nosso* carvão? — pergunta Crozier.

— Talvez suficiente para seis meses de aquecimento — diz Thompson. — Mas apenas se reduzirmos das duas horas por dia para uma. E recomendo que o façamos rapidamente... não mais do que no princípio de novembro.

Isso é a menos de duas semanas.

— E o vapor? — diz Crozier.

Se o gelo abrandar de todo no próximo verão, Crozier planeia enfiar todos os homens sobreviventes do *Erebus* a bordo do *Terror* e fazer um esforço máximo para retirar pelo caminho de onde tinham vindo — subiriam o estreito sem nome entre a península de Boothia e a ilha Príncipe de Gales, por onde tinham descido dois verões antes, passariam pelo cabo Walker e o estreito de Barrow, saindo pelo estreito de Lancaster como uma rolha de uma garrafa, depois correriam para sul para a baía de Baffin, com todo o pano e o último carvão, queimando mastros desnecessários e mobília, se fosse preciso para conseguirem as últimas réstias de vapor, qualquer coisa para os fazer chegar às águas livres da Gronelândia onde poderiam ser encontrados por baleeiros.

Mas ele também vai precisar do vapor para abrir o seu caminho para norte por entre o gelo que flutua para sul até ao estreito de Lancaster, mesmo que ocorra um milagre e eles se soltem do gelo ali. Crozier e James Ross tiraram uma vez o *Terror* e o *Erebus* do gelo do polo sul, mas estavam a viajar *a favor* das correntes e icebergues. Ali, no maldito ártico, os navios têm de viajar durante semanas *contra* o fluxo de gelo que desce do polo só para chegarem aos estreitos por onde podem escapar.

Thompson encolhe os ombros. O homem parece exausto.

— Se cortarmos no aquecimento no dia de Ano Novo e conseguirmos sobreviver até ao próximo verão podemos ter... seis dias de vapor sem gelo? Cinco?

Crozier limita-se a acenar novamente com a cabeça. Isto é, quase de certeza, uma sentença de morte para o seu navio, mas não necessariamente para os homens de ambos os navios.

Ouve-se um som da direção do corredor escuro.

— Obrigado, senhor Thompson. — O comandante ergue a sua lanterna de um gancho de ferro, abandona o calor da sala da caldeira e dirige-se para a lama e a escuridão.

Thomas Honey está à espera no corredor, a lanterna a vacilar no ar viciado. Na sua frente, como um mosquete, segura o pé de cabra de ferro com as espessas luvas, e não abriu a porta aferrolhada do paiol dos mortos.

— Obrigado por ter vindo, senhor Honey — diz Crozier ao seu carpinteiro.

Sem qualquer explicação, o comandante abre os ferrolhos e entra no paiol gelado.

Crozier não consegue resistir a erguer a sua lanterna na direção da popa, onde os cadáveres dos seus homens foram empilhados no interior da sua mortalha feita com as redes.

A pilha mexe-se. Crozier já o esperava — esperava ver o movimento das ratazanas debaixo do encerado — mas apercebe-se que está a olhar para uma sólida massa de ratazanas também *por cima* da mortalha de lona. Há um sólido cubo de ratazanas, estendendo-se mais de um metro e meio acima do chão, à medida que centenas delas lutam pela melhor posição para chegar aos homens mortos congelados. Os guinchos são ali muito sonoros. Há mais ratazanas no chão, a fugir apressadamente entre as pernas dele e as do carpinteiro. *A correr para o banquete*, pensa Crozier. E sem qualquer medo da luz da lanterna.

Crozier vira a lanterna para o casco, sobe a ligeira inclinação causada pelo desvio do navio para bombordo e começa a caminhar ao longo da parede curva e em declive.

Ali.

Aproxima mais a lanterna.

— Bem, que o diabo me leve para o inferno e seja enforcado por um pagão — diz Honey. — Perdão, comandante, mas não pensei que o gelo fizesse isto tão cedo.

Crozier não responde. Agacha-se para investigar mais de perto a madeira dobrada e esticada do casco.

As pranchas do casco foram ali dobradas para dentro, numa protuberância de quase trinta centímetros em relação ao resto do lado do casco. As camadas mais interiores da madeira lascaram e pelo menos duas pranchas soltaram-se.

— Jesus Cristo, Deus Todo-Poderoso — diz o carpinteiro, que se agachou ao lado do comandante. — Esse gelo é um monstro de um cabrão, com a licença do comandante, senhor.

— Senhor Honey — diz Crozier, o seu hálito a juntar cristais ao gelo já presente nas pranchas e a refletir a luz da lanterna — poderia outra coisa que não o gelo ter provocado estes estragos?

O carpinteiro solta uma gargalhada, mas para abruptamente quando

percebe que o seu comandante não está a dizer uma piada. Os olhos de Honey dilatam-se, depois ficam semicerrados.

— Com a sua licença outra vez, comandante, mas se quer dizer... é impossível.

Crozier não diz nada.

— Quero dizer, comandante, este casco já era do melhor carvalho inglês, com sete centímetros e meio, senhor. E, para esta viagem, para o gelo, quero eu dizer, senhor, foi reforçado com duas camadas de carvalho africano, comandante, cada uma com quatro centímetros de espessura. E esses painéis de carvalho africano foram trabalhados na diagonal, senhor, dan'-lhe ainda mais força do que se fossem só sobrepostos a direito.

Crozier está a inspecionar as pranchas soltas, tentando ignorar o rio de ratazanas atrás deles e à sua volta, bem como os sons de mastigação que vêm da direção da popa.

— E, senhor — continua Honey, a sua voz rouca com o frio, o seu hálito com vestígios de rum a congelar no ar — por cima dos sete centímetros e meio de carvalho inglês e dos sete centímetros e meio do carvalho africano disposto na diagonal, puseram mais duas camadas de olmo do Canadá, senhor, cada uma com cinco centímetros de espessura. São mais dez centímetros de casco, comandante, e na diagonal contra o carvalho africano. São cinco cinturões de boa madeira, senhor, vinte e cinco centímetros da mais forte madeira na terra entre nós e o mar.

O carpinteiro cala-se, percebendo que está a ensinar ao seu comandante pormenores da construção do navio que Crozier supervisionara pessoalmente nos meses antes da partida.

O comandante levanta-se e coloca as mãos protegidas com as mitenes contra as pranchas interiores onde se tinham soltado. Há ali mais de dois centímetros de espaço aberto.

— Baixe a sua lanterna, senhor Honey. Use o seu pé-de-cabra para levantar estas pranchas soltas. Quero ver o que o gelo fez à camada exterior de carvalho do casco.

O carpinteiro obedece. Durante vários minutos, o som da barra de ferro a forçar a madeira fria como ferro e os grunhidos de esforço do carpinteiro quase abafavam o frenético roer das ratazanas atrás deles. O olmo canadiano torcido parte-se e cai. O despedaçado carvalho africano é puxado para fora. Apenas resta o carvalho original, inclinado para dentro, e Crozier dá um passo em frente, segurando a sua lanterna para ambos os homens conseguirem ver.

Fragmentos e hastes de gelo refletem a luz da lanterna pelos buracos no casco, mas no centro está algo muito mais perturbador — negrume. Nada. Um buraco no gelo. Um túnel.

Honey puxa mais um pedaço do carvalho lascado para que Crozier consiga iluminar aquilo com a sua lanterna.

— Foda-se, santo Jesus Cristo, merda — diz o carpinteiro, ofegante. Desta vez não pede licença ao seu comandante.

Crozier tem a tentação de lamber os lábios secos, mas sabe como isso será doloroso com os 45 graus negativos no escuro. O seu coração bate com tanta força, porém, que também o comandante se sente tentado a apoiar-se com uma mitene contra o casco, como o carpinteiro acabou de fazer.

O ar gelado do exterior entra tão rapidamente que quase faz apagar a lanterna. Crozier tem de a proteger com a mão livre para a manter acesa, lançando as sombras dos homens a dançar sobre tetos, vigas e tabiques.

As duas longas pranchas do casco exterior foram esmagadas e dobradas para dentro por uma qualquer inconcebível e irresistível força. Claramente visível sob a luz da lanterna ligeiramente a tremer são as enormes marcas de garras no carvalho lascado — marcas de garras raiadas com manchas congeladas de sangue impossivelmente brilhante.

GOODSIR

*Lat. 75°-12'N, Long. 61°-6'W.
Baía de Baffin, julho de 1845*

Do diário privado do Dr. Harry D. S. Goodsir:

11 de abril, 1845

Numa carta ao meu irmão, hoje escrevi: «Todos os oficiais têm grandes esperanças de fazer a passagem e esperam estar no Pacífico no final do próximo verão.»

Eu confesso que, por mais Egoísta que isto seja, a minha própria esperança para a Expedição é que ela nos possa levar um pouco mais longe para chegarmos ao Alasca, Rússia, China, e às águas quentes do Pacífico. Embora formado como anatomista e contratado pelo comandante Sir John Franklin como mero assistente de cirurgião, eu sou, na Verdade, não um mero cirurgião mas um médico, e confesso ainda que, por mais amadoras que possam ser as minhas tentativas, espero tornar-me uma espécie de Naturalista nesta viagem. Apesar de não ter Experiência pessoal da flora e fauna árticas, tenho planos de conhecer pessoalmente as formas de vida nos Reinos Gelados para onde partiremos dentro de menos de um mês. Estou especialmente interessado no urso branco, embora a maior parte das informações que deles ouvimos seja da parte de baleeiros e as velhas Histórias Árticas tendam a ser demasiado fabulosas para lhes podermos dar crédito.

Reconheço que este Diário pessoal é muito fora do normal — o Registro Oficial que começarei quando partirmos no próximo mês registrará todos os eventos profissionais e observações pertinentes do meu tempo a bordo do HMS Erebus na minha capacidade de Assistente de Cirurgião e como mem-

bro da expedição do comandante Sir John Franklin para forçar a Passagem do Noroeste — mas sinto que algo Mais é necessário, um outro registo, um relato mais pessoal, e mesmo que nunca permita que qualquer outra alma leia isto após o meu Regresso, é meu Dever — para mim, mesmo que não para outros — fazer estas notas.

A única coisa que sei neste ponto é que a minha Expedição com o comandante Sir John Franklin já promete ser a Experiência de uma Vida.

Domingo, 18 de maio de 1845

Todos os homens estão a bordo e, embora Preparativos de última hora estejam ainda a ser tomados para a Partida de amanhã — especialmente com o acondicionamento do que o comandante Fitzjames me informa serem as mais de oito mil latas de comida que chegaram apenas à última da hora —, Sir John conduziu hoje o Serviço Divino para nós a bordo do Erebus e para quantos dos da tripulação do Terror que desejaram assistir. Notei que o comandante do Terror, um irlandês de nome Crozier, não se juntou a nós.

Ninguém poderia ter assistido ao longo serviço e ouvir o muito longo sermão de Sir John hoje sem se sentir profundamente comovido. Pergunto-me se algum Navio, da Marinha de alguma nação, foi alguma vez capitaneado por um Homem tão Religioso. Não há dúvida de que estamos verdadeira, e segura, e irrevogavelmente nas Mãos de Deus na Viagem que iniciaremos.

19 de maio de 1845

Que Partida!

Nunca tendo estado no mar anteriormente, muito menos como membro de uma tão Proclamada Expedição, eu não fazia Ideia do que Esperar, mas Nada me poderia ter preparado para a glória deste Dia.

O comandante Fitzjames estima que mais de dez mil simpatizantes e pessoas de Importância encheram as docas de Greenhithe para nos ver partir.

Os discursos retumbavam, até eu chegar a pensar que nunca seríamos autorizados a partir enquanto a Luz do Dia ainda enchia o Céu de verão. Bandas tocavam. A senhora Jane — que tem estado a bordo com Sir John — desceu a prancha de embarque para uma crescente série de Hurras! dos nossos sessenta e tal Erebuses. As bandas tocaram novamente. Depois começaram os vivas quando todas as amarras foram soltas, e durante vários minutos o barulho foi tão ensurdecedor que eu não teria escutado tivesse Sir John em pessoa gritado uma ordem ao meu ouvido.

Ontem à noite, o tenente Gore e o Cirurgião Chefe Stanley tiveram a gentileza de me informar que é costume, quando se navega, um oficial não

mostrar qualquer Emoção, por isso, embora apenas tecnicamente um oficial, eu fiquei alinhado com os outros oficiais nos seus belos casacos azuis e tentei conter todas as Mostras de emoção, mesmo que masculina.

Éramos os únicos a fazer isso. Os Marinheiros gritavam, e acenavam com os lenços, e penduravam-se nos enfrechates, e eu vi muita concubina de doca a acenar-lhes de volta. Até o comandante Sir John Franklin acenou com um brilhante lenço vermelho e verde à senhora Jane, à sua filha, Eleanor, e à sua sobrinha Sophia Cracroft, que ficaram a acenar até a vista das docas ser obstruída pelo Terror, que nos seguia.

Estamos a ser rebocados por rebocadores a vapor e seguidos nesta parte da nossa viagem pelo HMS Rattler, uma nova e poderosa fragata a vapor, e também por um navio transportador alugado que traz as nossas provisões, o Baretto Junior.

Mesmo antes de o Erebus se afastar das docas, uma Pomba pousou no alto do mastro grande. A filha de Sir John do seu primeiro casamento, Eleanor — bastante visível com o seu vestido de seda de um verde brilhante e sombria cor de esmeralda — gritou qualquer coisa mas não se conseguia fazer escutar por causa dos Vivas e da Banda. Depois apontou, e Sir John e muitos dos oficiais olharam para cima, sorriram, e depois apontaram a Pomba a outros a bordo do navio.

Combinado com as Palavras ontem ditas no Divino Serviço, isto, tenho de assumir, é o Melhor Presságio Possível.

4 de julho de 1845

Que terrível Travessia do Atlântico Norte para a Gronelândia.

Durante trinta dias de tempestade, mesmo enquanto sob reboque, o Navio tem sido sacudido, agitado e rebolado, e as suas portinholas fortemente seladas de cada lado ficam a um escasso metro da água nos movimentos descendentes. Tenho estado terrivelmente enjoado durante vinte e oito dos últimos trinta dias. O tenente Le Vesconte diz-me que nunca fizemos mais do que cinco nós, o que — assegura ele — é um tempo Terrível para qualquer navio meramente com a Vela, quanto mais para um tal Milagre da Tecnologia como o Erebus e a nossa embarcação companheira, o Terror, ambos capazes de andar a vapor sob o Ímpeto das suas invencíveis Hélices.

Há três dias dobrámos o cabo Farewell na ponta mais a sul da Gronelândia, e confesso que os avistamentos deste Enorme Continente, com os seus penhascos rochosos e intermináveis glaciares a entrarem diretamente no Mar, jazem tão pesadamente no meu Espírito como as subidas e descidas pesaram no meu Estômago.

Bom Deus, que sítio árido e frio é este! E estamos em julho.

O nosso moral está Ótimo, no entanto, e todos a bordo confiam na Perícia e Bom Discernimento de Sir John. Ontem, o tenente Fairholme, o mais jovem dos nossos tenentes, disse-me em Privado: «Eu nunca senti que o comandante fosse tão meu companheiro com qualquer outra pessoa com que tenha viajado antes.»

Hoje parámos no posto baleeiro dinamarquês aqui na baía de Disko. Toneladas de mantimentos foram transferidas do Baretto Junior, e os dez bovinos vivos transportados a bordo daquele navio foram abatidos esta tarde. Todos os homens de ambos os navios da Expedição banquetear-se-ão de carne fresca esta noite.

Quatro homens foram hoje despedidos da Expedição — sob conselho dos quatro cirurgiões — e regressarão à Inglaterra com o barco de reboque e transporte. Estes incluem um homem do Erebus — um certo Thomas Burt, o armeiro do navio, e três do Terror — um soldado da Marinha chamado Aitken, um marinheiro chamado John Brown e o principal mestre veleiro James Elliott. Isso reduz o nosso total para 129 homens nos dois navios.

Peixe seco dos dinamarqueses e uma nuvem de Pó de Carvão pendem sobre tudo esta tarde — centenas de sacas de carvão foram hoje transferidas do Baretto Junior — e os marinheiros a bordo do Erebus estiveram ocupados com as pedras de lados lisos a que chamam Pedras Sagradas, e a esfregar e voltar a esfregar o convés enquanto os oficiais gritam em encorajamento. Apesar do trabalho adicional, Todos os Homens estão de muito Bom Humor por causa da promessa do Festim desta Noite e das rações reforçadas de Grogue.

Além dos quatro homens que voltam para casa, Sir John enviará os relatórios de junho, despachos oficiais e todas as cartas pessoais no Baretto Junior. Toda a gente estará ocupada a escrever nos próximos dias.

Depois desta semana, a próxima carta a chegar aos nossos entes queridos será enviada da Rússia ou da China!

12 de julho de 1845

Outra partida, desta vez talvez a Última antes da Passagem do Noroeste. Esta manhã soltámos as amarras e partimos para oeste desde a Gronelândia enquanto a tripulação do Baretto Junior soltava três acalorados Hurras! e acenava com os seus barretes. Decerto que estes serão os últimos Homens Brancos que veremos até chegarmos ao Alasca.

26 de julho de 1845

Dois baleeiros — o Prince of Whales e o Enterprise — ancoraram perto

de nós junto a uma Montanha de Gelo flutuante. Usufriuí de muitas horas a conversar com os comandantes e a tripulação sobre os ursos brancos.

Também tive o distinto terror — se não Prazer — de subir aquele enorme icebergue esta manhã. Os marinheiros treparam ao cimo ontem, abrindo apoios no gelo vertical com os seus machados e depois fixando cordas para os menos ágeis. Sir John ordenou que fosse estabelecido um Observatório no cume do icebergue gigante, que se ergue mais do que duas vezes acima do nosso Mastro mais Alto, e enquanto o tenente Gore e alguns dos oficiais do Terror fazem medições atmosféricas e astronómicas lá em cima — montaram uma tenda para os que passariam a noite no alto da Alcantilada Montanha de Gelo — os nossos Mestres do Gelo da Expedição, o senhor Reid do Erebus e o senhor Blanky do Terror, passaram as horas com luz do dia a olhar para oeste e norte através dos seus telescópios de bronze, à procura, fui informado, do caminho mais provável através do quase-sólido mar de gelo já ali formado. Edward Couch, o nosso muito Fidedigno e Volúvel Ajudante, diz-me que é já muito tarde na Estação Ártica para os navios andarem à procura de qualquer passagem, quanto mais a Imaginada Passagem do Noroeste.

A visão do Erebus e do Terror ancorados ao icebergue em baixo, do labirinto de cordas — a que não me posso esquecer de chamar «cabos», agora que estou num navio — a segurar ambos os navios à Montanha de Gelo, dos cestos das gáveas dos dois navios abaixo do meu precário e gelado poleiro tão alto acima de tudo, criava uma espécie de nauseante e excitante Vertigem dentro de mim.

Era emocionante estar ali, a dezenas de metros, acima do mar. O cume do icebergue era quase do tamanho de um pitch³ de cricket e a tenda onde estava o nosso Observatório Meteorológico parecia bastante incongruente no gelo azul — mas a minha esperança de uns poucos momentos de Silencioso Devaneio foi destruída pelos constantes Tiros de Espingarda, à medida que os homens por todo o Cume da nossa Montanha de Gelo atiravam aos pássaros — gaivinas do Ártico, disseram-me — às centenas. Estas pilhas e pilhas de aves acabadas de matar serão salgadas e guardadas, embora Só Deus Saiba onde serão Guardadas estas caixas adicionais, uma vez que ambos os nossos navios estão já a Gemer e quase afundados sob o peso de toda a nossa Carga.

O doutor McDonald, assistente de cirurgião a bordo do HMS Terror — o meu homólogo ali — tem a teoria de que a comida pesadamente salgada não é tão eficiente e antiescorbútica como as Vitualhas frescas ou não-salgadas, e, uma vez que os marinheiros comuns a bordo de ambos os navios preferem o seu Porco Salgado a todas as outras comidas, o doutor McDonald teme que as

³ Faixa retangular (aprox. 3 metros por 20) no centro do campo de cricket onde tem lugar a maior parte da ação do jogo. (N. da T.)

aves pesadamente salgadas pouco adiantem às nossas Defesas contra o Escorbuto. Todavia, Stephen Stanley, o nosso Cirurgião a bordo do Erebus, rejeita estas preocupações. Ele frisa que além das 10 000 caixas de carnes cozinhadas em conserva a bordo do Erebus, só as nossas rações enlatadas incluem borrego cozido e assado, vitela, todas as espécies de vegetais, incluindo batatas, cenouras, nabos e legumes misturados, largas variedade de Sopas e 4280 quilos de Chocolate. Um peso igual — 4220 — de sumo de limão foi também trazido como a nossa principal medida antiescorbútica. Stanley informa-me que, mesmo quando o sumo é adoçado com generosas porções de açúcar, os homens comuns odeiam a sua ração diária e que um dos nossos Trabalhos Principais como cirurgiões da Expedição é assegurar que engolem aquela coisa.

Foi para mim interessante notar que quase toda a caça da parte de oficiais e homens de ambos os nossos navios é feita quase exclusivamente com Caçadeiras. O tenente Gore assegura-me que cada navio transporta um completo arsenal de Mosquetes. Claro, só faz sentido usar as Caçadeiras para caçar aves como aquelas que foram mortas às centenas hoje, mas, mesmo na baía de Disko, quando pequenos grupos iam caçar o Caribu e a Raposa Ártica, os homens — mesmo os da Marinha, obviamente treinados no uso dos Mosquetes — preferiam levar as Caçadeiras. Isto, claro, deve ser o resultado do Hábito tanto como uma Preferência — os oficiais tendem a ser Cavalheiros Ingleses que nunca usaram mosquetes ou Espingardas na caça, e excetuando o uso de armas monotiro em Combate em Ambiente Confinado, até os membros da Marinha usaram quase exclusivamente Caçadeiras na sua experiência de caça passada.

Serão as caçadeiras suficientes para matar o Grande Urso Branco? Não vimos ainda nenhuma dessas Assombrosas criaturas, embora todos os Oficiais e Marinheiros Experientes me garantam que os encontraremos assim que entrarmos na banquisa, e, se não nessa altura, certamente quando Invernarmos — se formos obrigados a fazê-lo. Verdadeiramente, as histórias que os baleeiros aqui me contam sobre os fugidios Ursos Brancos são Maravilhosas e Aterradoras.

Enquanto escrevo estas palavras, sou informado de que corrente ou vento ou talvez as necessidades do ofício da caça da baleia desviaram ambos os baleeiros, o Prince of Whales e o Enterprise, da nossa Montanha de Gelo. O comandante Sir John não jantará com um dos comandantes dos baleeiros — o comandante Martin, do Enterprise, creio eu — como tinha sido planeado para esta noite.

Talvez mais Pertinente, o Ajudante Robert Sergeant acabou de me informar que os nossos homens estão a trazer para baixo os instrumentos astronômicos e meteorológicos, a desmontar a tenda e a enrolar as centenas de metros de corda — cabo — que permitiram a minha Ascensão.

Evidentemente, os Mestres do Gelo, o comandante Sir John, o comandante Fitzjames, o comandante Crozier e os outros Oficiais determinaram o nosso Mais Promissor Caminho pela sempre volúvel banquisa.

Largaremos do nosso pequeno Lar-Icebergue dentro de minutos, velejando para noroeste até que o crepúsculo ártico, aparentemente interminável, no-lo permita.

Estaremos até para além do alcance dos Destemidos Baleeiros, a partir deste ponto. Tanto quanto diz respeito ao Mundo para Além da nossa intrépida Expedição, como Hamlet disse, O resto é silêncio.

CROZIER

*Lat. 70°-05'N., Long. 98°-23'W.
9 de novembro, 1847*

Crozier está a sonhar com o piquenique à beira da lagoa do ornitorrinco e com Sophia a acariciá-lo debaixo de água quando ouve o som de um tiro e acorda sobressaltado.

Senta-se no seu beliche sem saber que horas são, sem saber se é dia ou noite, embora já não exista divisão entre dia a noite, uma vez que o Sol desapareceu justamente nesse dia, para não reaparecer antes de fevereiro. Mas mesmo antes de acender a pequena lanterna para ver as horas, ele sabe que é tarde. O navio está o mais silencioso que é possível ficar; silencioso exceto o ranger da madeira torturada e do metal congelado no seu interior; silencioso para além dos homens que ressonam, balbuciam e se peidam a dormir, e das pragas de Diggle, o cozinheiro; silencioso para além do incessante grunhir, bater, estalar e empurrar do gelo lá fora; e, a adicionar a estas exceções ao silêncio da noite, silencioso não fosse o fantasmagórico grito de um forte vento.

Mas não é o som de gelo ou vento que acorda Crozier. É o de um tiro. Uma caçadeira — abafada pelas camadas de pranchas de carvalho e neve e gelo, mas um tiro de caçadeira sem qualquer dúvida.

Crozier estava a dormir com a maior parte das suas roupas vestidas e agora enfiou as outras camadas e está pronto para vestir as camadas para o exterior quando Thomas Jopson, o seu camareiro, bate à porta com o seu distinto toque triplo. O comandante abre-a.

— Problemas no convés, senhor.

Crozier faz um aceno afirmativo.

— Quem está de vigia esta noite, Thomas? — O seu relógio de bolso mostra-lhe que são quase 3 da manhã. A sua memória do calendário mensal e diário dá-lhe os nomes um instante antes de Jopson os dizer em voz alta.

— Billy Strong e o soldado Heather, senhor.

Crozier acena novamente, tira uma pistola do seu armário, verifica-a, enfia-a no cinto e passa pelo camareiro para sair para o cubículo que serve de messe dos oficiais ao lado do minúsculo camarote do comandante a estibordo, e depois rapidamente por outra porta para a escada principal. A primeira coberta está quase toda às escuras, àquela hora da manhã — sendo a principal exceção o brilho em volta do fogão de Diggle — mas acendem-se luzes em vários dos alojamentos de oficiais, ajudantes e camareiros enquanto Crozier para ao fundo da escada para tirar as pesadas roupas de exterior do gancho e enfiar-se dentro delas.

Abrem-se algumas portas. O imediato Hornby dirige-se à ré para ficar ao lado de Crozier junto à escada. O primeiro-tenente Little corre pelo corredor, levando três mosquetes e um sabre. É seguido pelos tenentes Hodgson e Irving, que também trazem armas.

À frente da escada, os marinheiros estão a acordar, a resmungar no fundo das suas redes, mas um segundo ajudante está já a formar um grupo de trabalho — atirando literalmente com homens adormecidos das suas redes e empurrando-os para a proa na direção das suas roupas de inverno e das armas.

— Já alguém subiu para ir investigar o tiro? — pergunta Crozier ao seu imediato.

— Male foi incumbido disso, senhor — diz Hornby. — Ele subiu assim que enviou o seu camareiro para o ir buscar.

Reuben Male é o encarregado do castelo de proa. Um homem equilibrado. Billy Strong, o marinheiro de vigia a bombordo, já esteve no mar anteriormente, sabe Crozier, no HMS *Belvidera*. Ele não teria atirado sobre fantasmas. O outro homem de vigia era o mais velho — e, na opinião de Crozier, o mais estúpido — dos fuzileiros navais sobreviventes, William Heather. Com 35 anos e ainda soldado raso, frequentemente doente, demasiadas vezes bêbado e quase sempre inútil, Heather quase fora mandado para casa na ilha de Disko, dois anos antes, quando o seu melhor amigo Billy Aitken fora dispensado e remetido para trás no HMS *Rattler*.

Crozier enfia a pistola no bolso enorme do seu pesado sobretudo de lã, aceita uma lanterna de Jopson, enrola um abafo em volta da face e sobe a escada inclinada.

Crozier vê que lá fora está tudo tão preto como o interior da barriga de uma enguia, sem estrelas, sem aurora, sem lua, e *frio*; a temperatura no

convés registava cinquenta e dois graus negativos quando o jovem Irving fora enviado lá acima fazer medições, e agora um vento terrível uivava ao passar pelos cotos dos mastros e pelo convés gelado, lançando pesada neve na sua frente. Saindo de debaixo do abrigo da lona congelada sobre a escotilha principal, Crozier leva a mão enluvada à cara para proteger os olhos e vê uma lanterna brilhar a estibordo.

Reuben Male está sobre um joelho ao lado do soldado Heather, que está deitado de costas, com o barrete e a peruca galesa arrancados e, como Crozier consegue ver, parte do crânio arrancado também. Parece não haver sangue, mas Crozier consegue ver os miolos do soldado a cintilarem à luz da lanterna — a cintilarem, percebe o comandante, porque há já uma camada de cristais de gelo na polpa da massa cinzenta.

— Ainda está vivo, comandante — diz o encarregado do castelo de proa.

— Foda-se, Jesus Cristo — diz um dos membros da tripulação aglomerados atrás de Crozier.

— Basta! — grita o imediato. — Não quero blasfêmias, foda-se. Fale quando falarem consigo, Crispe. — A voz de Hornby é um cruzamento entre o rosar de um mastim e o ronco de um touro.

— Senhor Hornby — diz Crozier. — Mande o marinheiro Crispe descer rapidamente e trazer a sua própria rede para transportarmos o soldado Heather para baixo.

— Sim, senhor — dizem Hornby e o marinheiro em uníssono. O bater das botas em corrida é sentido mas não ouvido sobre os gritos do vento.

Crozier descreve um círculo com a sua lanterna. A pesada amurada onde o soldado Heather fazia vigia, na base dos enfrechates cobertos de gelo, fora destruída. Crozier sabe que, para lá da fenda, o gelo e neve descem como uma rampa de tobogã por uns nove metros ou mais, mas a maior parte dessa rampa não é visível na neve ofuscante. Não há marcas visíveis no pequeno círculo de neve iluminado pela lanterna do comandante.

Reuben Male ergue o mosquete de Heather.

— Não foi disparado, comandante.

— Com esta tempestade, o soldado Heather não teria visto a coisa até ela estar mesmo em cima dele — disse o tenente Little.

— E o que se passa com Strong? — pergunta Crozier.

Male aponta para o lado oposto do navio.

— Desapareceu, comandante.

Para Hornby, Crozier diz:

— Escolha um homem e fique com o soldado Heather até Crispe voltar com a rede para o levarem para baixo.

De súbito, ambos os cirurgiões — Peddie e o seu assistente, McDo-

nald — aparecem no círculo da lanterna, McDonald apenas com agasalhos ligeiros.

— Jesus Cristo — diz o cirurgião chefe, ajoelhando ao lado do homem da Marinha. — Está a respirar.

— Ajude-o, se puder, John — diz Crozier. Aponta para Male e o resto dos marinheiros aglomerados à volta. — Os outros... venham comigo. Tenham as armas prontas a disparar, mesmo que tenham de tirar as mitenes para o fazer. Wilson, leve essas duas lanternas. Tenente Little, por favor, vá lá abaixo e escolha mais vinte bons homens, roupas completas, e arme-os com mosquetes... não caçadeiras, mosquetes.

— Sim, senhor — grita Little sobre o vento, mas Crozier está já a liderar o cortejo em frente, em volta da pirâmide de neve amontoada e a vibrante lona a meia-nau e subindo o convés inclinado para o posto de vigia a bordo.

William Strong desapareceu. Um longo abafo de lã foi rasgado, e os seus farrapos, apanhados ali nos brandais, abanam furiosamente. Sobre-tudo, peruca galesa, caçadeira e uma mitene de Strong jazem ao lado da amurada no lado abrigado do posto de vigia onde os homens se encostam para se protegerem do vento, mas William Strong desapareceu. Está uma mancha de gelo vermelho na amurada, no local onde ele devia estar quando viu a grande forma que se aproximava no meio da neve.

Sem dizer uma palavra, Crozier despacha dois homens armados com lanternas para a popa, mais três para a proa, outro com uma lanterna para olhar atrás da lona.

— Prenda-me aqui uma escada, por favor, Bob — diz ao segundo piloto. Os ombros do homem estão escondidos sob montes de cabo fresco, ou seja, ainda não congelado, que trouxe de baixo. A escada está posta no costado do navio em segundos.

Crozier é o primeiro a descer.

Há mais sangue no gelo e neve amontoados ao lado do exposto casco de bombordo do navio. Manchas de sangue, que pareciam pretas à luz da lanterna, conduziam para além dos buracos de incêndio para o volúvel labirinto das cristas de pressão e espirais de gelo, mais pressentidas do que vistas na escuridão.

— A coisa quer que a sigamos aí para fora, senhor — diz o segundo tenente Hodgson, encostando-se a Crozier para conseguir fazer-se ouvir sobre o uivar do vento.

— Claro que quer — disse Crozier. — Mas nós vamos na mesma. Strong pode estar ainda vivo. Já vimos isso acontecer com esta coisa. — Crozier olhou para trás. Além de Hodgson, apenas três homens o tinham seguido pela escada de corda. Todos os outros ou revistavam o convés ou

estavam ocupados a levar o soldado Heather para baixo. Há apenas uma outra lanterna ali, para além da do comandante.

— Armitage — diz Crozier para o camareiro da messe dos oficiais, cuja barba branca está já cheia de neve —, dê a sua lanterna ao tenente Hodgson e vá com ele. Gibson, fique aqui e diga ao tenente Little a direção por onde seguimos, quando ele regressar com o grupo de buscas. Diga-lhe, pelo amor de Deus, que não deixe os seus homens dispararem a qualquer coisa antes de terem a certeza de que não é nenhum de nós.

— Sim, comandante.

A Hodgson, Crozier diz:

— George, o senhor e Armitage sigam uns vinte metros nessa direção, para o lado da proa, depois mantenham-se paralelos a nós enquanto procuramos para sul. Tentem manter a vossa lanterna à vista da nossa.

— Sim, senhor.

— Tom — diz Crozier ao único homem que restava, o jovem Evans —, venha comigo. Mantenha a sua espingarda *Baker* a postos, mas com atenção.

— Sim, senhor. — O rapaz tem os dentes a bater.

Crozier espera até que Hodgson chegue a um ponto a vinte metros à sua direita — a lanterna dele era uma luz desmaiada no meio da neve que caía — e depois conduz Evans para o labirinto de *seracs*, cúpulas de gelo e cristas de pressão, seguindo as periódicas manchas de sangue no gelo. Ele sabe que um atraso de uns poucos minutos será o suficiente para cobrir de neve o débil rasto. O comandante nem se dá ao trabalho de remover a pistola do bolso do seu sobretudo.

A menos de uma centena de metros de distância, mesmo no ponto onde as lanternas dos homens no convés do HMS *Terror* se tornavam invisíveis, Crozier chega a uma crista de pressão — um daqueles grandes montes de gelo elevados pelas placas de gelo que se comprimem umas contra as outras abaixo da superfície. Já há dois anos presos no gelo, Crozier e os outros homens da expedição do falecido Sir John Franklin têm visto essas cristas de pressão aparecerem como que por magia, elevando-se com um tremendo som, e depois estenderem-se sobre a superfície do mar congelado, por vezes movendo-se mais depressa do que um homem a correr.

Este monte tem pelo menos nove metros de altura, um enorme aglomerado vertical de blocos de gelo, cada um deles pelo menos tão grande como um cabriolé.

Crozier caminha ao longo da crista, erguendo a sua lanterna o mais alto que é capaz. A lanterna de Hodgson já não é visível a oeste. A vista nunca é simples em volta do *Terror*. Por todo o lado, as massas de gelo, os declives, as cristas de pressão e pináculos de gelo bloqueiam a linha de vi-

são. Há uma enorme montanha de gelo no quilómetro e meio que separa o *Terror do Erebus* e meia dúzia mais à vista numa noite de luar.

Mas não há ali icebergues, nessa noite, apenas aquela crista de pressão com a altura de um edifício de três andares.

— Ali! — grita Crozier sobre o ruído do vento. Evan aproxima-se, a sua espingarda levantada.

Uma mancha de sangue preto na parede branca do gelo. A coisa carregara William Strong por aquela pequena montanha de aglomerado de gelo, tomando uma rota quase vertical.

Crozier começa a subir, segurando a lanterna com a mão direita enquanto vai apalpando com a mão livre protegida com a mitene, tentando encontrar rachas e apoios para os seus dedos congelados e para as botas já em pedra. Não tivera tempo para calçar o par de botas em que Jopson cravara longos pregos pelas solas, dando-lhes tração em superfícies de gelo como aquela, e agora as suas vulgares botas de marinheiro escorregavam e resvalavam no gelo. Mas encontra mais sangue congelado aos oito metros de altura, mesmo abaixo do cume da crista de pressão, por isso Crozier mantém a lanterna presa com a mão direita enquanto pontapeia uma plataforma de gelo mais inclinada com a perna esquerda para se içar para o topo, a lâ do seu sobretudo a raspar-lhe contra as costas. O comandante não consegue sentir o nariz e tem também os dedos dormentes.

— Comandante — chama Evans da escuridão em baixo —, quer que eu suba?

Crozier sente-se demasiado ofegante para falar, durante um segundo, mas, quando consegue recuperar o fôlego, responde:

— Não... espere aí. — Consegue agora ver o brilho desmaiado da lanterna de Hodgson a noroeste. Aquela equipa ainda não está a trinta metros da crista de pressão.

Esforzando-se por manter o equilíbrio ameaçado pelo vento, fazendo força para a sua direita à medida que a ventania o empurra para a esquerda e ameaça derrubá-lo daquele precário poleiro, Crozier ergue a lanterna sobre o lado sul da crista de pressão.

Ali, a queda é de dez metros quase na vertical. Não há sinal de William Strong, não há sinal de manchas pretas no gelo, não há sinal de que alguma coisa, viva ou morta, tenha passado por aquele caminho. Crozier não consegue imaginar nada que pudesse ter descido aquela parede de gelo a pique.

A abanar a cabeça e apercebendo-se de que tem as pestanas quase congeladas, Crozier começa a descer pelo mesmo sítio por onde subira, por duas vezes quase caindo para cima das baionetas de gelo antes de escorregar os últimos dois metros até à superfície onde Evans o aguarda.

Mas Evans desapareceu.

A espingarda *Baker* está na neve, ainda soerguida. Não há marcas na neve, nem humanas, nem sem ser humanas.

— Evans! — A voz do comandante Francis Rawdon Moira Crozier foi treinada para comandar durante mais de trinta e cinco anos. Consegue fazer-se ouvir sobre um vento de sudoeste ou enquanto um navio está a abrir caminho pelo estreito de Magalhães numa tempestade de gelo. Agora põe todo o volume que consegue produzir no seu grito. — Evans!

Só lhe responde o uivo do vento.

Crozier ergue a espingarda, verifica a carga, e dispara para o ar. O tiro soa abafado até para ele, mas vê a lanterna de Hodgson virar-se subitamente na sua direção e três outras lanternas tornam-se vagamente visíveis no gelo da direção do *Terror*.

Alguma coisa ruge a menos de seis metros de distância. Podia ser o vento a encontrar uma nova rota no meio ou à volta de um pináculo de gelo, mas Crozier sabe que não é.

Pousa a lanterna, enfia a mão no bolso, retira a sua pistola, arranca a mitene com os dentes e, apenas com uma fina luva de lã entre a sua carne e o gatilho de metal, ergue a inútil arma na sua frente.

— Anda lá, maldito! — grita Crozier. — Anda cá e experimenta-me a *mim*, em vez de um *miúdo*, seu lambe-cus, fodilhão de ratazanas, bebedor de mijo, filho de uma grande puta de Highgate!

Não houve resposta para além do uivo do vento.

GOODSIR

*Lat. 74°-43'-28"N, Long. 90°-39'-15"W.
Ilha de Beechey, inverno de 1845-46*

Do diário pessoal do Dr. Harry D. S. Goodsir:

1 de janeiro de 1846

John Torrington, fogueiro do HMS Terror, morreu esta manhã. No dia de Ano Novo. O início do nosso Quinto Mês presos no gelo aqui na ilha de Beechey.

A sua morte não foi uma surpresa. Tornou-se óbvio há vários meses que Torrington estava já em avançado estado de Tísica Pulmonar quando se juntou à expedição, e, se os Sintomas se tivessem manifestado apenas umas semanas antes, no Final do verão, ele teria sido mandado para casa no Rattler, ou até com os dois navios baleeiros que encontrámos mesmo antes de virar para oeste pela baía de Baffin e pelo Estreito de Lancaster para o Deserto Ártico onde nos encontramos agora a invernar. A triste Ironia é que o médico de Torrington lhe tinha dito que ir para o Mar lhe faria bem à saúde.

O Cirurgião Chefe Peddie e o doutor McDonald do Terror trataram Torrington, claro, mas eu estive presente em diversas ocasiões durante a fase de Diagnóstico e fui escoltado ao seu navio por vários membros da tripulação do Erebus depois de o jovem fogueiro morrer esta manhã.

Quando a sua doença se tornou Óbvia, no início de novembro, o comandante Crozier dispensou o rapaz de vinte anos dos seus deveres como fogueiro na mal ventilada coberta inferior — só o pó do carvão que ali existe é suficiente para asfixiar uma pessoa com pulmões normais — e John Torrington tem estado numa Espiral Descendente com a sua tísica desde então. Ainda assim,

Torrington poderia ter sobrevivido muito mais meses não tivesse havido um Agente Intermediário na sua morte. O doutor Alexander McDonald diz-me que Torrington, que nas últimas semanas ficara demasiado fraco até para permitir os seus curtos Passeios a pé à volta da primeira coberta ajudado pelos seus camaradas, apanhou uma Pneumonia no Dia de Natal, e foi uma Vigília de Morte desde então. Quando vi o corpo esta manhã, fiquei chocado ao ver quão Emaciado estava o falecido John Torrington, mas quer Peddie quer McDonald explicaram-me que o seu apetite já vinha a falhar há dois meses, e embora os cirurgiões do navio lhe tenham alterado a Dieta mais pesadamente para as Sopas Enlatadas e os Vegetais, ele continuou a perder peso.

Esta manhã fiquei a ver Peddie e McDonald a prepararem a cadáver — Torrington numa camisa limpa, o cabelo recente e cuidadosamente cortado, as unhas limpas —, atando o usual pano limpo em volta da cabeça para impedir o queixo de descair, depois a atá-lo com mais faixas de algodão branco nos cotovelos, mãos, tornozelos e dedos dos pés. Fizeram isto para manter os membros presos enquanto pesavam o pobre rapaz — quarenta quilos! — e depois prepararam o seu corpo para o funeral. Não se falou de Exame Post Mortem, uma vez que é óbvio que foi a Tísica acelerada pela Pneumonia que matou o rapaz, por isso não houve receio de contaminação a atingir outros membros da tripulação.

Ajudei os meus dois colegas cirurgiões do HMS Terror a colocar o corpo de Torrington no caixão cuidadosamente preparado pelo Carpinteiro do navio, Thomas Honey, e pelo seu ajudante, um homem de nome Wilson. Não havia rigor mortis. Os carpinteiros tinham deixado um resíduo de aparas de madeira no fundo do caixão, tão cuidadosamente construído e diferente do comum mogno do navio, com uma Pilha mais Espessa de aparas sob a cabeça de Torrington, e, porque havia ainda pouco Cheiro a Decomposição, o ar estava primariamente perfumado pelas aparas de madeira.

3 de janeiro de 1846

Continuo a pensar no enterro de John Torrington, que foi ontem à tarde.

Apenas um pequeno contingente do HMS Erebus participou, mas, juntamente com Sir John, o Comandante Fitzjames e uns poucos oficiais, fiz a Travessia a Pé do nosso navio até ao deles, depois mais os duzentos metros até à Margem da Ilha de Beechey.

Não tenho conseguido Imaginar um pior inverno do que este que temos sofrido aqui presos neste pequeno ancoradouro a sota-vento da própria ilha de Beechey, situada na cúspide da ilha Devon, mais extensa, mas o comandante Fitzjames e outros garantiram-me que a nossa Situação aqui — mesmo com as Traíçoeriras Cristas de Pressão, a Terrível Escuridão, Uivantes Tem-

pestades e a Constante Ameaça do Gelo — seria cem vezes pior fora deste ancoradouro, onde o Gelo flui do Polo como uma saraivada de Fogo Inimigo de algum deus Boreal.

Os companheiros de John Torrington baixaram gentilmente o seu caixão — já coberto com uma bonita lâ azul — pela amurada do seu navio, que está Empoleirado no Alto do seu próprio pilar de gelo, enquanto outros marinheiros do Terror amarraram o caixão a um grande Trenó. Sir John depositou pessoalmente a bandeira sobre o caixão, e depois os amigos puxaram o trenó os cerca de duzentos metros até à margem de gelo e cascalho da ilha de Beechey.

Tudo isto foi executado numa Escuridão quase Absoluta, claro, uma vez que nem ao meio-dia o Sol faz a sua Aparição aqui em janeiro, nem o tem feito há três meses. Haverá ainda mais um mês, dizem-me, antes que o Horizonte Sul receba o regresso da nossa Fogosa Estrela. De qualquer maneira, toda esta procissão — caixão, trenó, carregadores, oficiais, cirurgiões, Sir John, fuzileiros navais de uniforme completo oculto debaixo dos mesmos agasalhos para o frio que todos os outros usavam — era iluminada apenas por uma ondulante luz de lanterna enquanto atravessávamos o Mar Gelado até à Margem Gelada. Os homens do Terror tinham cortado à machadada e cavado as Cristas de Pressão recentemente erguidas que ficavam entre nós e a praia de cascalho, para que houvesse poucos desvios da nossa triste Rota. No início do inverno, Sir John ordenara que se fizesse um sistema de Robustos Postes, cordas e Lanternas Penduradas a traçar o caminho mais curto entre os Navios e o istmo de cascalho onde foram construídas várias Estruturas — uma para abrigar grande parte das provisões do navio, removidas para o caso de o gelo destruir as nossas embarcações; outra como uma espécie de pavilhão de emergência e Estação Científica; e uma terceira com a forja do armeiro, ali estabelecida para que as Chamas e Fagulhas não incendiassem as nossas inflamáveis Casas. Aprendi que os marinheiros temem o fogo no mar acima de quase tudo o mais. Mas este Percurso de Postes de madeira e Lanternas teve de ser abandonado porque o gelo está constantemente a mudar, a elevar-se, e a espalhar-se, ou a esmagar qualquer coisa lá colocada.

Novou durante o funeral. O vento soprava com força, como sempre acontece neste Deserto Ártico esquecido por Deus. Mesmo a norte do local do enterro erguiam-se uns Penhascos Pretos, tão inacessíveis como as Montanhas da Lua. As lanternas acesas no Erebus e no Terror eram apenas as mais vagas luzes entre a neve que caía. Ocasionalmente, um fragmento de uma Lua Fria aparecia de relance entre as nuvens que passavam, mas até aquela magra e pálida luz da lua se perdia rapidamente na neve e na escuridão. Santo Deus, está verdadeiramente um frio Infernal.

Alguns dos homens mais fortes do Terror trabalharam quase sem descanso desde as horas que se seguiram à morte de Torrington, com a picareta e a pá, para escavarem a sua sepultura — os regulamentares metro e meio de profundidade, conforme ordenado por Sir John. O Buraco fora escavado no gelo e rocha Severamente Congelados e um mero olhar revelava o Trabalho que dera a sua escavação. A bandeira foi removida e o caixão foi descido com cuidado, quase com reverência, para a estreita Cova. A neve cobriu de imediato a tampa do caixão e Cintilava à luz das nossas várias lanternas. Um homem, um dos oficiais de Crozier, colocou a tabuleta de madeira no lugar onde foi depois enterrada com umas pancadas de um martelo gigante por um marinheiro gigante. As palavras naquela tabuleta cuidadosamente entalhada diziam:

SAGRADO
À
MEMÓRIA DE
JOHN TORRINGTON
QUE ABANDONOU
ESTA VIDA 1 DE JANEIRO
A.D. 1846
A BORDO DO
NAVIO H.M. TERROR
AOS 20 ANOS

Sir John conduziu o Serviço e disse o Elogio Fúnebre. Este demorou algum tempo e o suave rumor da sua voz suave era interrompido apenas pelo Vento e o bater de Pés no chão enquanto os homens tentavam evitar que os dedos dos pés congelassem. Confesso que ouvi pouco do elogio de Sir John — entre o uivar do vento e os meus próprios pensamentos dispersos, oprimido pela solidão daquele local, pela memória do corpo enfaixado, de membros atados, que tinham acabado de depositar naquela Cova Gelada, e oprimido, acima de tudo, pela Eterno negrume dos penhascos sobre o istmo de cascalho.

4 de janeiro de 1846

Morreu outro homem.

Um dos nossos, aqui no Erebus, John Hartnell, vinte e cinco anos, um marinheiro. Mesmo depois daquilo que ainda penso como 6 da tarde, quando as mesas estavam a ser preparadas para o jantar dos homens, Hartnell tropeçou no irmão, Thomas, caiu no convés, tossiu sangue, e estava morto em cinco minutos. O cirurgião Stanley e eu estávamos com ele quando morreu na

parte iluminada da área da frente da coberta, que usamos como Enfermaria de Bordo.

Esta morte deixou-nos estupefactos. Hartnell não mostrava quaisquer sintomas de escorbuto ou tísica. O comandante Fitzjames estava ali connosco e não conseguia esconder a sua consternação. Se aquilo fosse alguma Praga ou o início de Escorbuto a espalhar-se pela tripulação, precisávamos de o saber de imediato. Decidiu-se naquele preciso momento, enquanto as cortinas eram corridas e antes que alguém quisesse preparar John Hartnell para o seu caixão, que iríamos fazer um Exame Post Mortem.

Limpámos a mesa da Enfermaria, protegemos adicionalmente as nossas Ações arrastando algumas arcas para o espaço que nos separava dos homens, puxámos as cortinas em volta do nosso Labor o melhor que conseguíamos e eu fui buscar os meus instrumentos. Stanley, embora Cirurgião Chefe, sugeriu que fosse eu a fazer o trabalho, uma vez que era formado como anatomista. Eu fiz a Incisão inicial e comecei.

Compreendi de imediato que, na minha Pressa, usara a incisão em Y invertido que costumava treinar em cadáveres quando estava com pressa. Em vez do mais comum Y, com os dois braços da incisão a chegarem aos ombros e a encontrar-se na base do esterno, na minha incisão em Y invertido, os braços do Y começavam perto de cada anca e encontravam-se perto do umbigo de Hartnell. Stanley fez um comentário a esse respeito e fiquei embaraçado.

— É para ser mais rápido — disse eu suavemente ao meu colega cirurgião. — Temos de fazer isto rapidamente... os homens detestam saber que os corpos dos seus camaradas estão a ser abertos.

O doutor Stanley fez um aceno de assentimento e eu continuei. Como que para Confirmar a minha declaração, o irmão mais novo de Hartnell, Thomas, começou a gritar e a chorar do outro lado da cortina. Ao contrário do lento declínio de Torrington, no Terror, que dera tempo aos seus companheiros para se prepararem para a sua morte, tempo para lhe arrumarem os pertences e prepararem cartas para a sua mãe, o súbito colapso e morte de John Hartnell chocara os homens. Nenhum deles conseguia suportar a ideia de que os cirurgiões do navio estavam a cortar o cadáver. Agora apenas a corpulência, posto e atitude do comandante Fitzjames se interpunha entre o irmão zangado, os marinheiros confusos e a nossa Enfermaria. Eu percebia que os camaradas do Hartnell mais novo e a presença de Fitzjames o estavam a conter, mas mesmo enquanto o meu bisturi cortava tecido e a minha faca e afastador de costelas abriram o cadáver para o exame, eu conseguia ouvir o Murmurar e a Fúria a uns poucos metros atrás da cortina.

Primeiro removi o coração de Hartnell, cortando parte da traqueia com ele. Ergui-o na direção da luz da lanterna e Stanley pegou nele e lavou o sangue com a ajuda de um trapo sujo. Ambos o inspecionámos. Parecia normal

— sem doenças visíveis. Com Stanley ainda a segurar o Órgão perto da luz, fiz um corte no ventrículo direito, depois outro no esquerdo. Abrindo o duro músculo, Stanley e eu revimos as válvulas lá dentro. Pareciam saudáveis.

Pousando o coração de Hartnell na sua cavidade abdominal, dissequei a parte inferior dos pulmões do marinheiro com rápidos cortes do meu bisturi.

— Ali — disse o cirurgião Stanley.

Eu anuí. Havia óbvios sinais de cicatrização e outras indicações de Tísica, bem como sinais de que o marinheiro sofrera recentemente de pneumonia. John Hartnell, como John Torrington, fora tuberculoso, mas este marinheiro mais velho, mais forte e — de acordo com Stanley — mais duro e ruidoso, tinha ocultado os Sintomas, talvez até de si mesmo. Até ao dia de hoje, quando ele caiu e morreu uns minutos antes de ir comer o seu porco salgado.

Ao puxar e cortar o Fígado, ergui-o à luz, e Stanley e eu acreditámos notar adequada confirmação da tísica, bem como indicações de que Hartnell Bebera demasiado durante demasiado tempo.

A uns meros metros de distância, do outro lado da cortina, o irmão de Hartnell, Thomas, estava a gritar, furioso, apenas contido pela voz severa do comandante Fitzjames. Eu percebia pelas vozes que vários dos outros oficiais — o tenente Gore, os tenentes Le Vesconte e Fairholme, até Des Voeux, o ajudante — se tinham juntado para acalmar e intimidar o grupo de marinheiros.

— Já vimos o suficiente? — sussurrou Stanley.

Eu anuí novamente. Não tínhamos visto sinais de Escorbuto no corpo, nem no rosto ou boca, nem nos órgãos. Se permanecia um mistério a forma como a tísica ou pneumonia ou uma combinação das duas coisas fora capaz de matar o marinheiro tão rapidamente, era pelo menos óbvio que não tínhamos nada a temer de uma espécie de Praga.

O barulho no Local de Dormida da tripulação estava a aumentar, por isso atirei rapidamente as amostras de pulmão, fígado e outros órgãos para a cavidade abdominal com o coração, sem ter o cuidado de as colocar no sítio adequado, comprimindo-os numa Massa, e depois devolvi a placa do peito de Hartnell mais ou menos ao seu lugar. (Mais tarde viria a Perceber que a pusera ao contrário.) O cirurgião chefe Stanley depois fechou a incisão em Y invertido, usando a agulha grande e o pesado fio de vela com movimentos rápidos e confiantes que teriam dado crédito a qualquer mestre veleiro.

Mais um minuto e tínhamos voltado a vestir as roupas de Hartnell — o rigor mortis começara a dificultar a tarefa — e abrimos novamente a cortina. Stanley — cuja voz é mais grave e mais sonora do que a minha — assegurou ao irmão de Hartnell e aos outros homens que só nos faltava lavar o corpo do seu companheiro para que o pudessem preparar para o enterro.

...

6 de janeiro de 1846

Por alguma razão, este Funeral foi mais Difícil para mim do que o primeiro. Fizemos novamente a solene Procissão desde o navio — desta vez apenas com o Erebus e a sua tripulação envolvida, embora o doutor McDonald, o cirurgião Peddie e o comandante Crozier se nos tenham juntado desde o Terror.

Mais uma vez, o caixão coberto com a bandeira — os homens tinham vestido a parte superior do corpo de Hartnell com três camadas, incluindo a melhor camisa do seu irmão Thomas, mas a parte inferior do seu corpo nu fora coberta apenas com uma mortalha, deixando a parte de cima do caixão aberta durante várias horas na Enfermaria da coberta antes de os pregos serem martelados para o funeral. Mais uma vez, a lenta procissão do trenó desde o Mar Gelado até à Margem Gelada, lanternas a balançar na noite negra, embora as estrelas estivessem visíveis neste meio-dia e não nevasse. Os fuzileiros da Marinha estiveram ocupados, uma vez que três dos Grandes Ursos Brancos aproximaram-se a farejar, saindo como espetros brancos de trás dos blocos de gelo, e os homens tinham de lhes disparar com os mosquetes para os manter afastados — ferindo visivelmente um urso de lado.

Mais uma vez, o Elogio de Sir John — embora desta vez mais curto, uma vez que Hartnell não era tão apreciado como fora o jovem Torrington — e, mais uma vez, regressámos ao navio através do gelo que estalava, guinchava e gemia, sob as estrelas que dançavam ao frio, e o único som atrás de nós era o raspar das pás e das picaretas a encher com terra gelada a nova cova ao lado da cuidada sepultura de Torrington.

Talvez fosse a face do penhasco negro a Pairar sobre Tudo que assassinou o meu Espírito neste segundo funeral. Embora desta vez eu me mantivesse deliberadamente de costas para o Penhasco, mais perto de Sir John para conseguir ouvir as Palavras de Esperança e Conforto, estava sempre consciente daquela fria, negra, vertical, lâmina de Pedra atrás de mim, sem vida e sem luz — um portal, parecia-me, para aquela Terra de Onde Homem Nenhum Alguma Vez Regressou. Comparadas com a Fria Realidade daquela pedra preta e disforme, até as palavras compassivas e inspiradas de Sir John exerciam pouco efeito.

O moral está muito baixo em ambos os navios. Não passou ainda uma semana completa desde o Ano Novo e já dois na nossa Companhia faleceram. Os quatro cirurgiões resolveram Reunir-se amanhã num Local Privado — o paiol dos carpinteiros na coberta inferior do Terror — para discutir o que deverá ser feito para evitar mais Mortalidade no que parece ser uma Expedição Amaldiçoada.

O marco nesta segunda sepultura dizia:

SAGRADO À MEMÓRIA DE
JOHN HARTNELL, MARINHEIRO DO H.M.S.
EREBUS
FALECIDO 4 DE JANEIRO DE 1846
COM 25 ANOS
«ASSIM DISSE O SENHOR DOS EXÉRCITOS, CONSIDERAI
OS VOSSOS CAMINHOS»
AGEU, 1:7

O vento aumentou na última hora, é quase meia-noite e a maior parte das lanternas já se apagou na primeira cobertura do Erebus. Ouço o vento a uivar, e penso naqueles dois frios Montes de Pedra Solta lá fora naquele negro e ventoso istmo, e penso nos homens mortos naquelas duas frias Covas, e penso na Face de Rocha Negra e Disforme, e consigo imaginar a fuzilada de grãos de neve já a trabalhar para apagar as letras nos marcos tumulares de madeira.